



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADEMICA DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA

DARCILEY GOMES DE OLIVEIRA

**TABOADO DE BAIXO, OS SUJEITOS E O LUGAR: GEOGRAFIA DAS
PERCEPÇÕES E DIMENSÕES DO VIVER**

CAMPINA GRANDE – PB
2019

DARCILEY GOMES DE OLIVEIRA

**TABOADO DE BAIXO, OS SUJEITOS E O LUGAR: GEOGRAFIA DAS
PERCEPÇÕES E DIMENSÕES DO VIVER**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Geografia da Unidade Acadêmica de Geografia da Universidade Federal de Campina Grande UFCG/CG, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Thiago Romeu de Sousa

CAMPINA GRANDE, PB

2019



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA
CURSO DE GEOGRAFIA

FOLHA DE APROVAÇÃO

BANCA EXAMINADORA DE: **DARCILEY GOMES DE OLIVEIRA**

TÍTULO: **Taboado de Baixo, os sujeitos e o lugar: Geografia das percepções e dimensões
do viver**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Campina Grande (PB), 04 de dezembro de 2019

Prof. Dr. **Thiago Romeu de Souza** (UFCG - Orientador)

Prof.^a Dr. **Antônio Clarindo Barbosa de Sousa** (MEMBRO - EXTERNO)

Prof. Dr. **Sérgio Luiz Malta de Azevedo** (MEMBRO INTERNO)

Aos meus pais, José Gomes e Valdemira Maria e a minha primeira
professora D. Mira,
Dedico

Agradecimentos

Ao universo, o Deus criador de todas as coisas possíveis e imagináveis, porque antes que os montes nascessem, ou que tu formasses a terra e o mundo, sim, de eternidade a eternidade, tu és Deus (Si 93, 2).

À UFCG, instituição que me acolheu de portas abertas e a melhor lembrança que guardarei dela é que todos os dias em que precisei ir lá, fui com muita alegria e satisfação.

Agradeço ao povo do Taboado de Baixo, por fazer existir esse lugar, em especial aos que me concederam relatos de suas vivências e experiências.

Aos meus pais, José Gomes de Oliveira (do qual que mais que uma filha eu virei fã) e Valdemira Maria de Oliveira. Grata porque passei a existir com a união de vocês e não abro mão da família que me deram. Foram fontes históricas para a minha pesquisa, motivos para que eu quisesse continuar a viver e estudar o nosso lugar de origem. Por vocês, eu só saio daqui se for no “ultimo pau de arara”. Vivo aqui, perto de vocês, porque como disse Nelson Gonçalves, o cantor preferido da minha mãe “me dê flores em vida, o carinho a mão amiga para aliviar meus aís, porque depois que eu me chamar saudade não preciso de vaidade, quero preces e nada mais”.

À minha tia Dorinha, a tia mais solícita da família. A ela, porque me lembro bem naquela tarde, no batente da minha casa, olhando a imensidão que imaginava ser aquele mundo em minha frente. Aos meus 6 anos de idade, em uma longa tentativa de juntar as letras para fazer minha primeira leitura. E ela, com sua pouca pedagogia formal, me ajudou a ler a primeira linha de um livro longo que não terminei ainda. Grata a você por aquele momento.

Aos meus colegas e amigos de curso da turma Geografia UFCG 2015.1, a melhor turma do mundo (Poliana, Germana, Welington, Denise, Humberto, Joalisson, Gustavo Rocha, Oséias, Abraão, Roberta, Gustavo Costa, Bárbara), aos que desistiram no caminho e in memória ao querido colega Brás de Lima Santos que seguiu conosco até onde pode ir e fez valer a pena o tempo que compartilhamos. Como disse Maria Betânia, a sua cantora preferida, “você verá que é mesmo assim, que a história não tem fim, continua sempre que você responder “sim”. À sua imaginação. À arte de sorrir cada vez que o mundo diz “não”.

Aos meus irmãos e irmãs: João Gomes Sobrinho, Maria Gomes de Oliveira, Josefa Gomes Sobrinha, Terezinha Gomes de Oliveira, (que sempre me acolhe em sua

residência, tornando possível a minha aproximação geográfica da universidade, sempre com muito amor e respeito), Antônio Gomes Sobrinho, Josefa das Neves Silva, Valdilene Gomes Macedo, Fernando Gomes de Oliveira, Paulo Gomes de Oliveira, José Gomes de Oliveira Júnior e a sua esposa Juliana Maria Barbosa Oliveira, (pessoas que me ajudaram a ser melhor com a experiência do viver coletivamente. Aos sobrinhos e sobrinhas, (porque todos são muito da minha alegria de viver) em especial a Maria Dayany e Maria Izabely, que fazem a minha vida mais feliz desde o ano de 2009 e que me mostraram que amar é única forma de cura possível que existe no mundo, “para desentristecer leãozinho, o meu coração tão só, basta eu encontrar você no caminho”. (Caetano Veloso)

A todos os professores e professoras da UAG, Unidade acadêmica de Geografia, Aline Barbosa, Débora Coelho, Janaína Barbosa, Kátia Sobreiro, Lincoln Diniz, Luís Eugênio, Martha Priscila, Sérgio Malta, Sérgio Murilo, Sônia Lira, Thiago Romeu, (Orientador), Xisto Júnior e Zenon Sabino. Queridos/as que ajudaram direta e indiretamente a me tornar uma profissional da educação e da arte de ver o mundo, que é assim que caracterizo a Geografia.

Ao meu amigo Antônio Clarindo, que durante esta jornada me ajudou a entender o sentido das esperas e dos tempos das chegadas, chegar à universidade foi um tempo de demoras para mim, mas colhi bem os frutos da chegada. Assim como disse nosso amado Poeta Mia Couto no poema a demorada enchente.

Velho, não.

Entardecido, talvez.

Antigo, sim.

Me tornei antigo

porque a vida,

tantas vezes, se demorou.

E eu a esperei

como um rio aguarda a cheia.

Gravidez de fúrias e cegueiras,

os bichos perdendo o pé,

eu perdendo as palavras.

Simples espera
daquilo que não se conhece
e, quando se conhece,
não se sabe o nome.

A todos os funcionários da UFCG dos quais precisei de seus serviços. Faxineiros, porteiros, cozinheiros do RU, secretários, técnicos de laboratórios, médico, psicóloga, etc.

Por fim, agradeço a todos os autores que me serviram de base teóricas, os vivos e os in memora por terem pensado a Geografia antes de mim para mais adiante eu poder perceber e procurar entender o meu lugar.

Da minha aldeia

Da minha aldeia vejo quanto da terra se pode ver no Universo...
Por isso a minha aldeia é tão grande como outra terra qualquer
Porque eu sou do tamanho do que vejo
E não do tamanho da minha altura...

Nas cidades a vida é mais pequena
Que aqui na minha casa no cimo deste outeiro.
Na cidade as grandes casas fecham a vista à chave,
Escondem o horizonte, empurram o nosso olhar para longe
de todo o céu,
Tornam-nos pequenos porque nos tiram o que os nossos olhos
nos podem dar,
E tornam-nos pobres porque a nossa única riqueza é ver.

(Alberto Caeiro, heterônimo de Fernando Pessoa)

TABOADO DE BAIXO: OS SUJEITOS E O LUGAR: GEOGRAFIA DAS PERCEPÇÕES E DIMENSÕES DO VIVER

Darciley Gomes de Oliveira

Resumo

A percepção acerca dos lugares é um fator que implica não somente na análise da paisagem na sua dimensão física, mas também o conhecimento sobre os sujeitos que a compõe. Este trabalho visa analisar a percepção acerca do lugar Taboado de Baixo, um povoado na zona rural do município de Boqueirão, estado da Paraíba, Brasil. Situado no Cariri paraibano, Taboado de Baixo pode ser identificado como uma geograficidade construtora de um gênero de vida. Portanto, foi necessário investigar os elementos que colaboram para compor a fisionomia da sua paisagem. Entre estes elementos destacam-se os modos de trabalhos, as formas como se percebem no mundo através da percepção cognitiva dos seus moradores, o lazer, a educação formal, a religiosidade, as relações sociais, a migração ou a permanência no lugar de origem etc. Tal investigação serviu como uma forma de compreender as múltiplas perspectivas que os sujeitos têm sobre o seu lugar de origem e sobre o mundo, além da forma como se organizam para resolver problemas da própria comunidade. Revisão teórica e relatos de história oral foram os métodos que ajudaram a compreender o lugar e os sujeitos em seu ambiente de vivências, resultando na compreensão de como eles se percebem como sujeitos sociais inseridos no seu contexto geográfico que é, antes de tudo, rural.

Palavras-chave: Paisagem, Memória, Gêneros de Vida, Geografia das Percepções

Resumen

La percepción sobre los lugares es un factor que implica no solo el análisis del paisaje en su dimensión física, sino también el conocimiento sobre los temas que lo componen. Este artículo tiene como objetivo analizar la percepción sobre el lugar Taboado de Baixo, una aldea en la zona rural de Boqueirão, estado de Paraíba, Brasil. Ubicado en Paraíba Cariri, Taboado de Baixo puede identificarse como una geografía que construye un género de vida. Por lo tanto, fue necesario investigar los elementos que colaboran para componer la fisonomía de su paisaje. Entre estos elementos se encuentran las formas de trabajar, las formas en que se perciben en el mundo a través de la percepción cognitiva de sus residentes, el ocio, la educación formal, la religiosidad, las relaciones sociales, la migración o la permanencia en el lugar de origen, etc. . Esta investigación sirvió como una forma de entender las múltiples perspectivas que los sujetos tienen sobre su lugar de origen y sobre el mundo, así como también cómo se organizan para resolver los problemas de su propia comunidad. La revisión teórica y los informes de historia oral fueron los métodos que ayudaron a comprender el lugar y los sujetos en su entorno de vida, lo que resultó en la comprensión de cómo se perciben a sí mismos como sujetos sociales insertados en su contexto geográfico que es, sobre todo, rural.

Palabras clave: Paisaje, Memoria, Géneros de Vida, Geografía de Percepciones

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Serra do Caturité	18
Figura 2 Taboado de Baixo vista geral da parte leste	19
Figura 3. Parte Oeste do Taboado de Baixo	19
Figura 4. Taboado de Baixo com vista para a Serra do Caturité	19
Figura 5. Mapa de localização do sítio Taboado de Baixo	21
Figura 6. Mapa de localização bacia hidrográfica do Rio Paraíba	23
Figura 7. Família enrolando a peça de fio no carretel do tear	29
Figura 8. Imagem de São João Batista vinda de Mossoró, RN	33
Figura 9. Capela São João Batista	34
Figura 10. Procissão de São Joao Batista	34
Figura 11: Banho de rio nos anos 1980	37
Figura 12. Time do Internacional do Taboado de Baixo	43

LISTA DE SIGLAS

AESA	Agência Executiva de Gestão das Águas do Estado da Paraíba
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
DNPM	Departamento Nacional de Produção Mineral
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
QGIS	Quantum GIS

**TABOADO DE BAIXO: OS SUJEITOS E O LUGAR: GEOGRAFIA DAS
PERCEPÇÕES E DIMENSÕES DO VIVER**

Darciley Gomes de Oliveira

Sumário

INTRODUÇÃO	13
A FISIONOMIA DO LUGAR ONDE SE APRENDE A SER SUJEITO	16
1.1 Os gêneros de vida	22
1.2 O rio como elemento de um modo de viver e estar no mundo	22
1.3A criação de animais	26
1.5 As lembranças e as memórias escolar	31
1.6A Religiosidade e a fé	33
1.8As relações sociais.....	42
1.9À guisa de conclusão.....	45
A MIGRAÇÃO E O RETORNO DE SUJEITOS TABOADENSES	47
2.1 Os que foram	50
2.2 Ageograficidade	57
.....	57
2.3Os que retornaram	59
AS PERCEPÇÕES SOBRE O LUGAR PELA LENTE DE QUEM NÃO MIGROU.....	61
3.1Os que ficaram	62
RESULTADOS.....	67
CONSIDERAÇÕES FINAIS	70
REFERÊNCIAS	73

INTRODUÇÃO

O lugar é um valor que damos aos espaços e aos objetos, e, mais profundamente ainda, um valor que damos aos sujeitos aos quais estamos ligados em um determinado espaço. Mãe, pai, irmãos, amigos, etc. Desde o nascimento, o indivíduo procura sentidos para estabelecer pontos de afetos.

Logicamente, isso não se dá com rapidez, a cada mês de vida que o ser humano progride no tempo, cresce nele a necessidade de se conectar aos objetos e aos espaços, para que possa a cada dia, construir a percepção de lugar, ao qual todo sujeito almeja no sentido de que o lugar é uma segurança afetiva para o ser humano.

Este trabalho tem inspiração iniciada na revisão teórica acerca da Geografia Humanista, em uma abordagem referente à Geografia Nova. Tal metodologia se ampara nas discursões teóricas que marcaram o final do século XX pelos estudos geográficos de pensadores como Yi Fu Tuan, Erik Dardel, entre outros autores que dialogam com o método fenomenológico.

Para representação espacial, o local de estudo foi delimitado, mapeado para mostrar a localização geográfica do município, no Estado da Paraíba e no Brasil. Tal procedimento, foi realizado através do software Quantum GIS (QGIS), utilizando Shape¹ da AESA e do IBGE.

A pesquisa foi realizada através de análises teóricas, percepções e experiências, vividas no sítio Taboado de Baixo e de entrevistas com os próprios moradores. O método utilizado para as entrevistas é o da História Oral. Desta forma, é possível obter informações, na modalidade história de vida, que facilita para compreender as percepções dos sujeitos, acerca do lugar onde residem e sobre eles enquanto sujeitos inserido nesse lugar. A identificação dos entrevistados foram alteradas, atribuindo-os nomes fictícios.

O trabalho será dividido em três capítulos: o primeiro se ocupará em fazer uma descrição dos gêneros de vida dos habitantes do Sítio Taboado de Baixo. Será uma radiografia das feições paisagísticas, dos elementos físicos e das relações entre sujeito e lugar, afim de fazer um retrato da paisagem e dos modos de viver e estar no mundo dos habitantes.

¹O “shape” é um tipo de arquivo digital que representa uma feição ou elemento gráfico, seja ela em formato de ponto, linha ou polígono e que contém uma referência espacial (coordenadas geográficas) de qualquer que seja o elemento mapeado.

O segundo capítulo, se ocupa em investigar o que levou alguns habitantes a retornarem da migração que realizaram para o Sudeste do Brasil e como se sentem ao estar de voltar ao sítio para residir. Nesse tópico, o trabalho se voltará às experiências, que tais sujeitos, tiveram ao estarem em contato com outro lugar e quais motivos os levaram a migrar e a voltar para seu lugar de origem.

O terceiro, para confirmação da pesquisa e verificação analítica do trabalho, se ocupa em entender as percepções que os moradores têm a respeito do lugar em que vivem, sem nunca terem migrado e qual sentido eles atribuem para a sua vivência apenas no lugar de origem. Tal investigação foi feita a partir das próprias visões e experiências dos habitantes, com relatos de história de vida. Foi obtido dez relatos de vida: cinco pessoas que migraram para o Rio de Janeiro, retornaram com intenção de ficar definitivamente no Taboado de Baixo e cinco que nunca migraram para nenhum lugar.

Através das percepções sobre o cotidiano, diante da imagem negativa que as outras regiões do Brasil têm sobre a vida do povo nordestino e as migrações frequentes, interessa-me investigar, qual a visão e sentimento de pertencimento de lugar que os moradores do Sítio Taboado de Baixo têm, qual valor patrimonial da comunidade em que vivem, procurar saber sobre suas visões de mundo, através de suas experiências e expectativas.

A pesquisa também se justifica por motivos pessoais. Por ter vivido no sítio Taboado de Baixo, querer investigar as transformações espaciais e as percepções dos moradores sobre o lugar. Percebo que posso contribuir com o olhar geográfico e uma escrita científica para a compreensão desta dinâmica. Como também, reconhecer o poder transformador da diversidade cultural, que parte dos próprios residentes. Também por se tratar de um tema, que contribui para o conhecimento de lugares, cujas distâncias sociais, são maiores que as geográficas, assim como é em todos os lugares periféricos.

É importante ressaltar ainda que, as vivências e as experiências, das comunidades rurais, valorizam as potencialidades naturais e culturais de “lugares opacos” (SANTOS, 2003), tais como as do semiárido. Este último, já seria motivo suficiente, para a pesquisa em tela, no entanto, as justificativas apresentadas, dão a esta investigação, caráter necessário e urgente.

A intenção de delimitar um recorte temporal, por meio de suas trajetórias de vida, entre as décadas de 1950 e 2019, foi porque quis pesquisar sobre as experiências, das pessoas vividas no decorrer dos anos de vida dos meus pais.

Apesar das dificuldades,o nordestino sempre enfrenta, como a reduzida pluviosidade, as dificuldades para a produção agrícola, as grandes distâncias geográficas, entre outras, o Semiárido é possibilitarao sujeito, formas seguras de como ser e estar no mundo. Possui qualidades capazes, de manter seu povo.O que se tem a fazer, é tentar perceber as potencialidades e valorar cada elemento natural e cultural que possibilite a manutenção de uma vida plena para seus habitantes.

Como moradora do Taboado e também pesquisadora, uma coisa sempre me inquietou. Noto que algumas pessoas são desmotivadas à reivindicar o que é de seus interesses pessoais coletivos para o melhoramento da comunidade. Por isso, quero responder as seguintes questões: porque os residentes do Taboado de Baixo têm tanta dificuldade para se articularem e irem em busca das melhorias que eles dizem ser importantes para a vivência no seu lugar de origem? Porque é difícil para eles se articularem com vistas a obterem cada vez melhores resultados para as questões pessoais e coletivas?

A pesquisa objetiva fazer uma descrição e análise paisagística do sítio Taboado de Baixo. Os aspectos físicos e as percepção dos próprios moradores em relação as vivências e experiências. Descreve os modos (gêneros) de vida do Taboado de Baixo, identificar os aspectos que levam pessoas a imigrarem ou a retornarem ao sítio Taboado de Baixo e avaliar as percepções que os moradores têm acerca do lugar. Tais objetivos visam responder inquietações que como pesquisadora e residente da comunidade me faz sentido saber.

A FISIONOMIA DO LUGAR ONDE SE APRENDE A SER SUJEITO

“Não! Eu não sou do lugar dos esquecidos!

Não sou da nação dos condenados!

Não sou do sertão dos ofendidos!

Você sabe bem: conheço o meu lugar.

(Belchior)

Devo começar dizendo que todos os lugares têm a sua própria fisionomia. São feições formadas a partir de muitas variantes temporais que se moldam no decorrer do tempo, ao longo da vida do planeta e dos seres que o habitam. Como afirma LA BLACHE, (2005), “um gênero de vida constituído implica em uma ação metódica e contínua, que age fortemente sobre a natureza ou, para falar como geógrafo, sobre a fisionomia das áreas”. Sendo assim, acrescento que, para falar da feições de um lugar, tanto nos aspectos físicos como subjetivos, exige uma atenção profunda de como é lapidada a continuidade e a descontinuidade sequencial de fatores que representam seu retrato.

Perceber o espaço ou o lugar é uma tarefa geográfica. É colocá-los através da lente da Geografia Cultural Humanística significa interpretar as experiências adquiridas pelas sociedades que são formadas por “uma longa sucessão de percepções.” (TUAN, 1980, p.4). A percepção se tornou ramo da geografia, pensada por profissionais da psicologia e da geografia. Ela se fixa na ciência geográfica com o propósito de adentrar em uma análise mais profunda do meio ambiente e do sujeito que o ocupava, a fim de lhe trazer soluções possíveis para as demandas sociais que surgem no cotidiano.

A percepção é colocada no cerne das preocupações geográficas, chamando a atenção para a relevância dos sentidos dos homens, suas sensações e seus sentimentos, seus sonhos e seus anseios. Mostra, também, que a percepção é ação e é um estender-se para o mundo; é uma linguagem de sinais e de símbolos. Os sensores táteis, as mãos competentes permitem perceber asperezas e as texturas, porém são os visuais que nos fornecem a tridimensionalidade do nosso meio ambiente, as cores e a distribuição dos objetos, ensejando a movimentação espacial. (OLIVEIRA, 2013, p. 91).

A percepção começa no olhar, passa pelo sentimento alcançando a psique humana, no sentido de que para o estudo das percepções do sujeito em relação ao ambiente pode-se adentrar a área da sua subjetividade, procurar perceber as sua necessidade, não apenas pela realidade material mas também por aquilo que ele ainda não consegue dizer com palavras.

Convém lembrar que tanto a percepção/cognição como a conduta espacial estão na dependência do conhecimento, da atitude, opinião que o indivíduo tenha do espaço. Isto equivale a dizer subjacente à ação (perceptiva e cognitiva) exercida sobre um determinado espaço constrói sempre uma noção de espaço e, mais ainda, a adoção de uma teoria que conceitualize o espaço em termos de definição, limitação, classificação, função, hierarquização, organização, etc. São estes termos que determinam a escolha da representação cartográfica do espaço. (OLIVEIRA, 2009, p. 59)

Desta forma é perceptível que os sujeitos definam a sua forma de viver e estar no mundo por esta cognição e muitas vezes eles não se dão conta das definições que eles estabelecem com seu espaço. Neste caso, deixa a tarefa para o saber da ciência geográfica através da sutileza do observador e as técnicas que tornam possível algum conhecimento de mundo e do sujeito através da percepção.

Tomo a iniciativa de observar o modo de viver e estar no mundo da comunidade do Taboado de Baixo, minha terra natal. Tomo com recorte temporal de 1950 a 2019, tempo em que posso alcançar através das memórias e experiências dos meus pais. Junto minhas percepções e experiências com as dos meus conterrâneos e a vivência com os meus pais para pensar e falar sobre o nosso lugar. Começo a dizer que eles relatam com muita propriedade os seus saberes e fazeres, que as memórias deles me parecem ser os seus tesouros guardados como guardiões de uma vida para ser registrada, e é chegado este momento. Relato aqui nossas vivências, tecidas por entre os matacões e a Caatinga que beirando vazantes, margem e tabuleiros do Rio Paraíba, vez ou outra, estimularam os sonhos de muita gente.

O Sítio Taboado de Baixo é um daqueles lugares em que a paisagem contribui para a sua beleza. Localizado entre alguns inselbergs, o sítio tem como destaque paisagístico um deles, a Serra do Caturité, com altitude de 900m, ocupando a terceira colocação entre os pontos mais altos do Estado da Paraíba. O complexo Granitóide/Gnáissico do Planalto da Borborema tem a sua formação por maciços e outeiros altos e ocupa uma área de arco que se estende do sul de Alagoas até o Rio Grande do Norte, com solos rasos e vegetação *Xerófita*, relevo movimentado, vales profundos, estreitos e dissecados e altitude variando entre 650 e 1000 metros (CPRM, 2005). Em meio a esta movimentação geomorfológica, destaca-se a Serra do Caturité como um importante testemunho do passado geológico.



Figura 1: Serra do Caturité. Foto: Darciley Gomes de Oliveira, 2019.

A Serra do Caturité foi, segundo a memória do povo local, o cenário de refúgio nos conflitos entre as tropas colonizadoras portuguesas e os índios Cariris. O topônimo do morro foi em homenagem ao líder da aldeia Carnoióis que aqui habitou e lutou pelo seu território até as últimas consequências. Diz a lenda, que na luta para libertar a filha Potira aprisionada pelos guerreiros e soldados portugueses, Caturité atirou-se do alto das rochas da Serra, tendo em seus braços a filha ferida de morte, pois não havendo mais possibilidade de luta, por estar cercado pelas tropas, o aguerrido não aceitou morrer pelas mãos do inimigo, cessando uma época de resistência da sua tribo, deixando a vez de ocupação desse lugar para os colonos.



Figura 2. Taboado de Baixo, vista geral panorâmica da parte leste. Fonte: <<https://www.facebook.com/sitiotaboado/>>. Acessado em 27/11/2019.



Figura 3. Taboado de Baixo, vista geral panorâmica da parte oeste. Fonte: <<https://www.facebook.com/sitiotaboado/>> Acessado em 27/11/2019.



Figura 4. Taboado de Baixo, em dias da festa do Padroeiro, com vista para a Serra do Caturité. Fonte: <<https://www.facebook.com/sitiotaboado/>>. Acessado em 27/11/2019.

A ocupação dos colonizadores nessa região se deu por volta dos anos de 1670 a 1730, quando os bandeirantes liderados pelas famílias Oliveira Ledo e Farias de Castro, mas com predomínio de liderança dos Oliveira Ledo (com o patriarca Antônio de Oliveira Ledo), realizaram várias expedições pelo território paraibano. (SOUSA et al., 2013; SILVA, 2018), iniciando o povoamento colonial português. “O topônimo da área estudada segundo relatos no folheto *História da população: comunidade Taboado de Baixo*² diz que antigamente esta comunidade tinha como nome Caturité, por causa da tribo indígena que habitava nesta região. Hoje tem como nome Taboado de Baixo porque aqui existiu no passado uma grande mata virgem” (OLIVEIRA et al, 2007, p.7).

Antes da colonização portuguesa havia uma vegetação nativa de grande porte na região. Mas com a ocupação colonial, a prática do desmatamento dessa vegetação foi intensa e segundo a história do povo local, as árvores da caatinga eram tão espessas que era possível fazer com uma só árvore largas tábuas. Não havia a necessidade de emendar uma madeira na outra para se fazer os utensílios. Com este discurso, deu-se o topônimo de Taboado de Baixo.

² OLIVEIRA et al. *História da População: comunidade Taboado de Baixo* é um folheto escrito pelos missionários da igreja católica da comunidade. Foi feito em meados do decênio de 2007 e teve os relatos de moradores mais antigos como fonte histórica para a escrita.

O topônimo é um pequeno texto, é um pequeno discurso, depositário de toda uma situação de fala e das complexa relações que a sustentam, e depositário também do momento histórico, e do pensamento que configura esse momento histórico e/ou é por ele configurado. É esse pequeno discurso, diferente dos demais porque pode durar séculos ou milênios, ao mesmo tempo preserva e revela, ou apenas desvela, as ideologias que o engendram ou que por ele perpassam. (FAGGION et al, 2014, P. 144)

De acordo com (SILVA, 2017) é comum que os topônimos sejam acompanhados de corônimos, isto é, o nome genérico de lugar. Neste caso, os corônimos são nomes comuns e os topônimos são os nomes próprios. É o caso do complemento que o topônimo Taboado possui, “de Baixo”.E esta foi uma observação que teve motivação inicial, na percepção cognitiva dos moradores, isso pelo motivo da comunidade vizinha possuir o mesmo topônimo, e de acordo com as experiências cognitivas do povo destes lugares, o Taboado de Baixo, por estar na direção jusante do rio passa a ser entendido como “de baixo” por ocupar a área mais baixa do curso do rio e o Taboado de Cima, é assim chamado porque ocupa uma área à montante do rio e assim ser entendido como mais alto se chamado de Taboado de Cima. E essa percepção e sentido cognitivo dos habitantes desses lugares faz do rio presente em seu ambiente uma forma de ser e estar no mundo.

O Taboado de Baixo é um topônimo de natureza dirrematopônimo, constituído de sintagma topônimo derivado de expressão cristalizada (SILVA, 2017), isto é, que está no jargão popular. É o caso do discurso que sintetiza o nome do lugar advir de observações e experiências do povo local e assim cristalizar um discurso acerca de fatos ocorridos na região ao longo do tempo.

O sítio está em uma pequena parte da margem direita do Rio Paraíba.As margens à vazantedo rio e o tabuleiro³configuram aquele espaço.Situado no município de Boqueirão, antiga Microrregião de Boqueirão e na Mesorregião Borborema (CPRM 2005), Cariri Paraibano e Semiárido brasileiro. De acordo com a mais recente divisão regional do IBGE, o município tem uma área de 424,646 km², pertence à região intermediária e imediata de Campina Grande/PB e tem uma população estimada de 17.751 moradores. A comunidade de Taboado de Baixo dista 8 km da sede e situa-se ao Leste do município, com cerca de 130 habitantes que juntos fazem a história do lugar (ver mapa 1).

³São as áreas de interflúvios, tem altura elevada. São chamadas de tabuleiros por conter partes planas e rodeadas por riachos

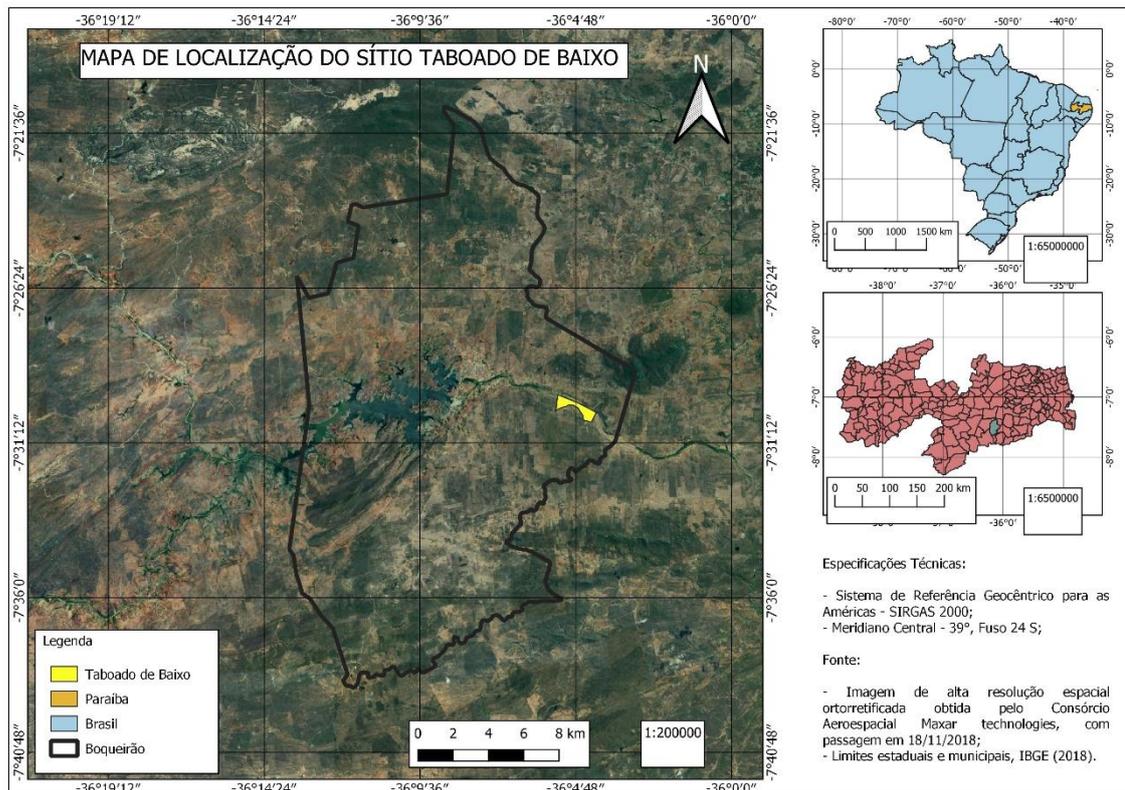


Figura 5. Mapa de localização do sítio Taboado de Baixo. Fonte: elaborado pela autora — D.G.O — 2019

1.1 Os gêneros de vida

Para dizer do lugar que vivo e que analiso, classifico que algumas coisas tiveram grande representatividade no gênero de vida⁴ desse lugar faz-se necessário dizer que foram: a presença do rio, a agricultura familiar, a criação de gado *Vacum*, porcos e galinhas, como também a fabricação artesanal de redes de dormir. A agricultura e a criação de animais tiveram vantagens pelo fato do sítio estar em área ribeira do Paraíba e o artesanato de redes de dormir foi herança dos povos indígenas do Nordeste que, em Boqueirão, assumiu o caráter de fonte de renda regular de muitas famílias, tornando-se por muito tempo a principal fonte de renda das famílias daquele lugar.

1.2 O rio como elemento de um modo de viver e estar no mundo

⁴ "Os gêneros de vida na Geografia Humana" foi escrito por Paul Vidal de La Blache em 1911, em francês, com o título "*Les genres de vie dans la Géographie Humaine - premier article*". Segundo La Blache "um gênero de vida constituído implica uma ação metódica e contínua que age fortemente sobre a natureza agindo sobre a fisionomia das áreas" (PASSOS, 2017, P 1)

O Rio, em todas as civilizações, sempre foi como uma espécie de “pai”, pois para uma região semiárida a água é uma sorte lançada na vida de um povo, “é um tesouro fugitivo que é preciso arrancar” (LA BLACHE, 2005, p. 122). Mas para nós taboadenses⁵, o acesso à água era uma realidade, viver às margens do Paraíba nos possibilitou construir um gênero de vida que permitia a algumas famílias, estender seus cultivos após os períodos de chuvas com a ajuda de irrigações. Segundo o mesmo autor “a presença de um rio exerce nessas áreas uma concentração bem mais marcante sobre todas as formas de vida, vegetal e animal. Tudo desabrocha em contato com o rio.” Para nós o Rio Paraíba é um desses que chega de longe para contribuir com a economia, estilo de vida e o próprio ambiente físico, afetando as atitudes e os valores ambientais para construir junto com o povo um modo de vida. (TUAN, 1974.p. 1).

Segundo a AESA (Agência Executiva de Gestão das Águas do Estado da Paraíba), a bacia hidrográfica do Paraíba possui uma área de 20.071,83 km², compreendida entre as latitudes 6°51'31" e 8°26'21" Sul e as longitudes 34°48'35"; e 37°2'15"; Oeste de Greenwich, é a segunda maior do Estado da Paraíba, pois abrange 38% do seu território, abrigando 1.828.178 habitantes que correspondem a 52% da sua população total. É uma das mais importantes do semiárido nordestino, composta pela sub-bacia do Rio Taperoá e Regiões do Alto Curso do rio Paraíba, Médio Curso do rio Paraíba e Baixo Curso do rio Paraíba. (Ver mapa 2)

⁵ A expressão taboadense é um gentílico usado por moradores ao se referirem às pessoas naturais do Taboado.

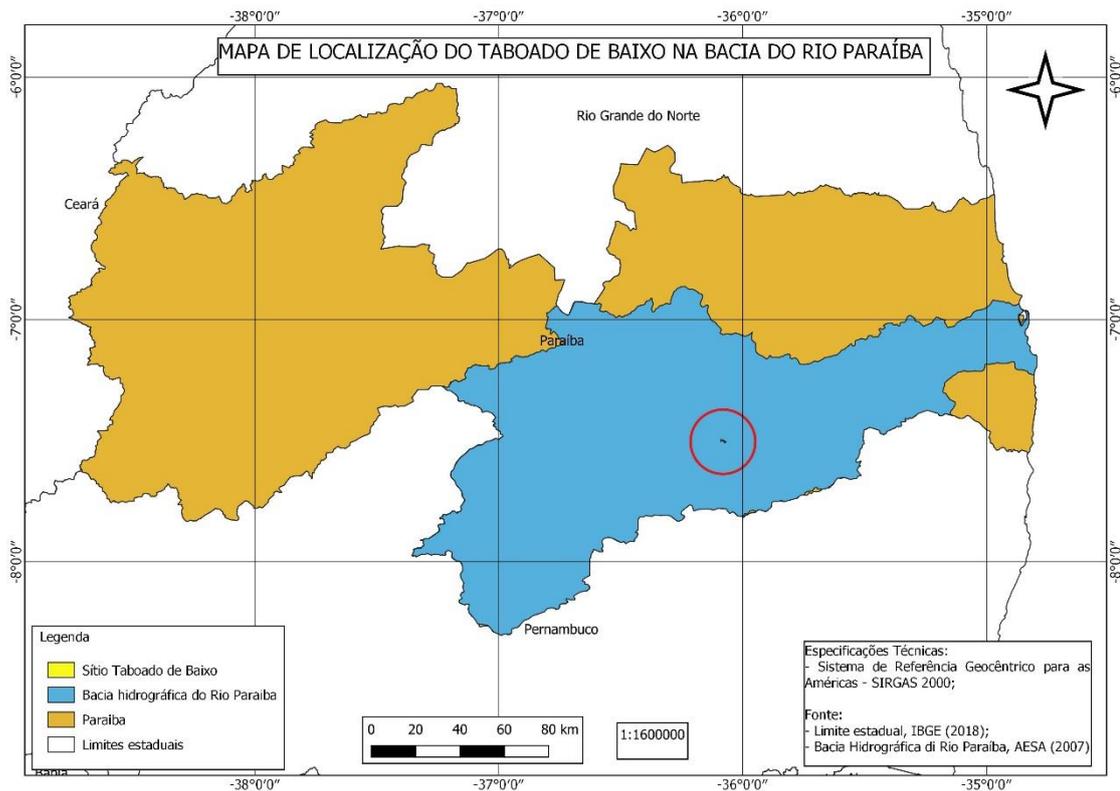


Figura 6. Mapa de localização do Taboado de Baixo na Bacia hidrográfica do Rio Paraíba. Fonte das *shapes*: AESA. Elaborado pela autora, 2019

O intermitente Paraíba é barrado nos arredores da sede do município. Ainda segundo (SOUSA et al., 2013), o projeto se inicia em 1948 sob o comando do DNOCS (Departamento Nacional de Obras Contra as Secas), e foi concluído em 16 de janeiro de 1957. Isso culminou em dois túneis: um para transportar água para a cidade de Campina Grande/PB e o outro para perenizar artificialmente e atender as comunidades que utilizavam as águas do rio a leste da bacia hidrográfica.

Tal atitude foi de fundamental importância para o seguimento do modo de vida em torno do rio para os taboadenses, pois as atividades agrícolas que eram possíveis apenas em períodos chuvosos, com o rio perenizado, através do barramento que deu origem ao açude Epitácio Pessoa, na sede do município, passando a possibilitar aos moradores do sítio o cultivo da terra com as culturas do milho, feijão, fava, batata-doce, entre outras leguminosas mais comuns. Como também criar seus animais: gado *vacum*, porcos, bodes e galinhas para o sustento familiar. Assim como observou Josué de Castro em sua obra *Geografia da Fome*,

Não se constitui o sertanejo num agricultor de produtos de exportação, para fins comerciais, como se praticava nas terras do litoral, mas um plantador de produtos de sustentação para seu próprio consumo. Um semeador, em pequena escala, de milho, feijão, fava, mandioca, batata-doce, abobora e maxixi, plantados nos vales mais

sumosos, nos baixios, nos terrenos de vazante, com cultura de horta e jardins. (CASTRO, 2012 p. 158).

É desse tipo de produtos que o povo do Cariri tem o hábito de se alimentar, tendo como base na alimentação o milho, porque o Cariri, segundo o autor, está no centro da área do milho, situação que veio a facilitar a satisfação alimentar dos sertanejos dessa área. Castro 2012 ainda afirmaque,

[...] nesta área, a coexistência de certas condições naturais e, principalmente, o gênero de vida local, com seus hábitos tradicionais, criam na zona um complexo alimentar em que as graves deficiências proteicas e vitamínicas do milho são compensadas por outros componentes habituais da dieta. Dieta que, talvez seja a mais equilibrada do país, incluindo as zonas isentas de fome (ibid., p. 158).

Esta complementação da dieta se dá pela combinação com a caseína do leite, pois, segundo o mesmo autor, as propriedades proteicas do milho não suprem as necessidades dietéticas, por ser deficiente em vitaminas e sais minerais, mas em complemento com o leite e a carne, “mata” a fome do povo do semiárido nordestino. Na posição geográfica do interior da Paraíba, o Cariri está no centro, margeado pelo agreste e pelo alto sertão, mas por motivos de adaptação, o milho se deu perfeitamente com nosso clima tropical quente e seco.

Mas a presença do rio também possibilitou o plantio de tomate e pimentão para fins econômicos. A produção que atingiu a escala comercial teve papel importante na vida econômica das pessoas do lugar, possibilitou trabalho remunerado para uma parte da população local. Desta forma, quem não estava trabalhando no artesanato de redes de dormir, trabalhava na produção destas culturas agrícolas.

Esta produção que empregava jovens da comunidade teve maior ênfase na década de 1970 até meados da década de 1990. Esse trabalho sustentava algumas famílias e fazia a interação social, pois o trabalho no campo de tomate ou pimentão é um trabalho grupal e de acordo com memórias de moradores, era muito divertido o ambiente de trabalho. Segundo um entrevistado, “O trabalho no campo era normal, no campo era muitas vezes uma ilusão, porque começa colher vai tirar e se não der o preço você perdeu o que você investiu, mas era um trabalho bom” (João, 60 anos). Ou seja, havia a possibilidade de prejuízos nos plantios de tomates e pimentão, mas os agricultores que podiam arriscavam a fim de obter lucro com a colheita.

1.3A criação de animais

A criação de animais, como *gadovacum*, galinhas e porcos, sempre foi de extrema importância, pois destes animais vem a complementação alimentar, como o leite, ovos, carnes e outros derivados desses animais. A criação abundante destes animais também serve as comemorações familiares dessa gente, como é uma fonte de renda para muitas donas de casa, que não tendo outra chance de trabalho remunerado, criam os animais para vender, sendo, para algumas, a única fonte de renda. Foi assim para muitas mulheres do Taboado de Baixo,

criava as galinhas vendia, criava os porcos vendia. Muitos! E comprava alguma coisa pra casa era com esses dinheiros, *esse móveis* (sic) que tem aí foi comprado com esses dinheiros de porco, aí comprava outras coisas de roupa, no fim de ano comprava. Zé ajudava também, nós *ajuntava* e a gente ia pra comprar, meio do ano e fim do ano era quando a gente ia (Maria, 80 anos).

O relato acima expressa a relação entre a natureza e a força de trabalho, onde o indivíduo se apropria dos nutrientes e os meios que a natureza fornece, mas o processo de realização da vida humana se dá por meio do trabalho (SANTOS, 1988). É ele, o trabalho, quem transforma a natureza e torna a vida humana uma vida não selvagem, dando os modos de vida sentidos sociais, em uma trama que conecta a natureza à força de trabalho humana para a produção do espaço e transformando a paisagem, pois a paisagem se relaciona com a produção e ela

[...] não se cria de uma só vez, mas por acréscimos, substituições; a lógica pela qual se faz um objeto no passado era a lógica da produção daquele momento. Uma paisagem é uma escrita sobre a outra, é um conjunto de objetos que têm idades diferentes é uma herança de muitos diferentes momentos (SANTOS, 1988, p. 66).

Desta forma, o trabalho como instrumento, não material da natureza, também constrói a paisagem, são as relações sociais e todas as outras relações humanas, que são construtoras dos diversos momentos em que a paisagem se modifica e dá a cada época um sentido para quem nela está também como ator. “A paisagem é um conjunto heterogêneo de formas naturais e artificiais. A vida em sociedade supõe uma multiplicidade de funções e quanto maior o número destas, maior a diversidade de formas e de atores” (SANTOS, 1988, P. 65).

Mas os animais para o sitiante caririzeiro não é apenas um elemento do trabalho, da economia ou da paisagem, ele expressa também um valor para quem cuida e precisa deles. A relação com os animais: vaca, boi, jumento é de cumplicidade, sobre tudo nos períodos de estiagem, pois o criador quer também salvar o seu “bicho” da sede e da fome. Desta forma o homem do sertão cria também uma defesa para suas criações, passando a ter com eles uma

ética de sobrevivência com cumplicidade e afetividade, chega até a gastar da sua própria renda limitada, com os “bichos”, para não deixá-los morrer ou até passar sede e fome.

No que se refere à relação entre o caririzeiro... e seus animais, estes direcionam todas suas energias e boa parte de suas rendas para a manutenção destes durante a estiagem. Uma relação que não é possível ser compreendida a partir de noções de economia de mercado, há uma relação ética entre eles. Isso visto que, principalmente durante os períodos de estiagem, o trabalho para o sustento dos animais da criação e os gastos com complementos em ração não são nem de longe recuperados através de sua venda (ZANI, 2018, p. 102).

Desta forma nota-se que os animais, como atores não humanos, têm uma presença marcante na dinâmica de um lugar. E nesta rede integrada de atores humanos e não humanos, sujeitos, animais, terra, água e outros mais elementos que formam uma tessitura e dão ao espaço um movimento, e, que através da força de trabalho, nasce uma trama de relações que são capazes também de dar identidade ao lugar.

Observo aqui no Taboado de Baixo que essa afetividade com os animais, principalmente os maiores, é muito forte, observei que Sr. José, que é um pequeno criador de gado, ao vender uma vaca ou um boi, (e esta venda é geralmente para o abate), se entristece, pois tem se apegado efetivamente ao animal porque, de certa forma, foram alguns anos de cuidados, de cumplicidade, principalmente em época de estiagem.

Ao vender um animal para o abate, Sr. José também não aceita que a carne dele entre em sua casa como forma de alimento, para ele, seria se alimentar do sangue de quem foi sua companhia. Relata Sr. José, “quando eu vendo um bicho meu eu vendo pra matar pra fora, longe daqui, tem esta vaca aí, quando vier aqui para buscá-la eu nem em casa fico, e nem compraria a carne dela pra comer, (José, 86 anos). Não somente pela fala, mas também pelas expressões é notável uma certa melancolia ao falar dos seus animais quando se trata de atos violentos contra os animais.

Acompanho a vida deste agricultor, o Sr. José, e, já vi também muitas vezes ele se entristecer com a partida de animais de sua propriedade. Certa vez, quando ele vendeu um boi muito bonito que ele tinha, ele ficou por vários dias em estado de tristeza, procurou saber o dia do abate e onde estava a venda a carne do bicho para não correr o risco de comprar para comer a carne de seu próprio animal de muita estima, pois criar um bicho no Cariri e batalhar junto com eles pela sobrevivência, é mesmo algo que foge da lógica do mercado, é que foi chamado de

“economia moral”⁶. Algo como Klass Woortmann (1990: 11) chamou de uma “ética camponesa” que seria, segundo ele, “constitutiva de uma ordem moral, isto é de uma forma de estabelecer relações do homem entre si e com as coisas, notadamente, a terra.” (ZANI, 2018. P. 103.).

E não somente a terra, mas também seus elementos e os seres humanos e não humanos que vivem nela.

1.4 O artesanato e as redes de dormir

A produção artesanal de redes de dormir foi a principal fonte de renda dos taboadenses, porque ela não exigia grandes investimentos para se iniciar, funcionava também pela prestação de serviço para os tecelões mais abastados que viviam na cidade de Boqueirão e que se utilizavam da mão de obra de homens e mulheres para seguirem com a atividade. Pois nem sempre a família tinha condições financeiras para comprar os teares e os “fios” (linhas têxteis) para começar a própria produção, por isso se limitava a tecer e fazer os acabamentos nas redes de dormir de outros produtores.

Esta forma de trabalho artesanal, foi consequência das heranças indígenas que foi adaptada para o nosso modo de vida com outras matérias de produção, para ser fonte de renda para os que aqui ficaram. Aprimoraram os saberes e fazeres e formaram gênero de vida em seu pequeno “torrão”. Vivências e experiências que configuraram as espacialidades de uma pequena parte do nosso município.

No Brasil, a rede de dormir antecede a ocupação portuguesa. Segundo Luís da Câmara Cascudo (2003), na carta de Pero Vaz de Caminha já foi mencionado o conhecimento da sua existência. Segundo o mesmo autor, os colonizadores se apropriaram também dessa atividade artesanal e foram aperfeiçoando-a para deixá-la mais fina, sofisticada, para atender às necessidades deles. Pois sendo uma atividade totalmente doméstica era também feita na sua maioria por mulheres, nas quais as mesmas atribuíram enfeites como franjas, matames e varandas para embelezar o produto, já que o mesmo teve modificações em sua matéria prima,

⁶ O conceito de economia moral foi desenvolvido pelo historiador Edward P. Thompson na análise dos “motins da fome” na Inglaterra do século XVIII. O conceito foi apresentado por ele pela primeira vez em “Economia Moral da Multidão na Inglaterra do século XVIII” (THOMPSON, 2008 [1971]) e retomado com comentários às críticas recebidas em capítulo da coletânea “Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional” (THOMPSON, 1998 [1991]). Afirma o autor que as queixas que geravam os motins “operavam dentro de um consenso popular acerca do que eram práticas legítimas e ilegítimas das atividades do mercado” (*Idem*: 152), haviam lógicas peculiares que constituíam o que Thompson chamou de economia moral, baseada em valores que diferiam dos praticados pelo mercado capitalista ascendente.

passando da confecção natural mais grosseira para fios mais finos de algodão. O nome rede se deu pela semelhança da tessitura com as redes de pescar.

Os trabalhos com as redes de dormir eram feitos por toda a família. Era frequente nas residências terem ao lado ou na parte traseira uma latada para abrigar o tear. Somente algumas famílias com menos condições financeiras montavam o tear na sala da casa, e os outros utensílios de uso para a confecção das redes era sempre na sala da casa dos tecelões. A urdideira, os caneleiros de miadas e deespulas⁷, eram como parte do mobiliário das residências, pois o trabalho com as redes de dormir é diário, só parando para um pequeno descanso aos domingos quando é possível.

Os teares eram feitos de madeiras. Aí comprava os sacos de fios e urdia em uma urdideira, tinturava e estendia o fio para secar, enrolava nos oigos⁸ e depois tecia as redes. Depois de tecida, faziam os acabamentos, colocava os cordões e vendia. (Maria 80 anos).

A tecelagem sempre envolvia toda a família, era um trabalho coletivo, inclusive as crianças eram envolvidas na atividade, era comum no trabalho com as redes envolver também as crianças.

Desde a infância já ajudava os pais a trabalhar nas redes. O trabalho que a gente fazia era o mais maneiro, né? Os trabalhos mais leves. Nas horas vagas que não ia pra escola, a “boquinha” de noite ou de manhazinha. Quando a gente era criança, a gente não trabalhava no pesado não, era nos maneiros. (Mary, 59 anos).

Na figura 7, uma foto de uma família junto com tecedores que trabalhavam para a mesma, preparando a peça de fio para ser colocada no tear e possibilitar a tecelagem das redes.

⁷ Peça que serve para junto com a lançadeira fazer o preenchimento das linhas na tecelagem de redes de dormir.

⁸ Peça que serve para colocar a peça do fio já urdido no tear.



Figura 7. Família enrolando a peça de fio no carretel do tear no início da década de 1970. Fonte: Acervo da família Gomes.

E este ritmo de trabalho com as redes de dormir, perdurou até meados do decênio de 1990. Logo após essa época, houve um rebaixamento na procura e escassez de matéria prima, levando a uma diminuição muito significativa nas redes e levando os produtores a se reinventarem e irem em busca de outras formas de trabalhar com seus saberes e fazeres. Daí os tecelões trocaram os teares de redes pelos teares de tapetes simples. Os tapetes são trabalhados com matéria prima reciclada de indústria têxtil, vindos das regiões das fábricas de roupas do Pernambuco e Fortaleza, no Ceará.

Esta nova forma de trabalhar com os teares, é hoje o trabalho e a fonte de renda para quase todas as famílias do Taboado de Baixo. As atividades com os tapetes, são menos, pois após a tecelagem o produto já fica pronto e não necessita acabamentos. As vendas desses produtos é realizada pelos fornecedores da matéria prima, os mesmos ao levarem os tapetes para vender nos centros comerciais de PE e CE, compram as tiras de tecidos e vendem para os tecelões.

Basicamente por estas atividades citadas, configurou-se e configuram-se os espaços dos taboadenses, mas eles são bem mais do que suas estruturas naturais e forças de trabalho, são mais que a geologia, o clima, os relevos, as águas do Paraíba e o entranhar de linhas das

redes de dormir e das tiras dos tapetes. Eles são forças que se movem com toda esta desenvoltura, são energias que se dão ao espaço. Eles são individualidades, sujeitos que encaminham o rumo cultural e social do seu lugar.

uma individualidade geográfica não resulta de simples considerações de geologia e de clima. Não é algo dado de antemão pela natureza. É preciso partir da ideia de que uma área (“contrée”) é um reservatório onde dormem energias das quais a natureza depositou o germe, mas cujo emprego depende do homem. É ele que, ao submetê-la ao seu uso, ilumina sua individualidade. Ele estabelece uma conexão entre traços esparsos; os efeitos incoerentes de circunstâncias locais, ele substitui por um concurso sistemático de forças. É então que uma área adquire precisão e se diferencia, tornando-se em sentido amplo como uma medalha esculpida pela efígie de um povo (LA BLACHE, 2005 p. 143).

E é assim que se fazem os modos de viver e estar no mundo, que torna possível expandir as vivências para que surjam as atividades individuais de cada ser, é o que torna possível também acontecer o desejo e a prática das coisas que configuramos sujeitos, todos com a sua individualidade, e nessa tessitura vital entre o ser humano e o seu lugar surgem as estruturas sociais.

1.5 As lembranças e as memórias escolar

Em 1940 a escola do Taboado de Baixo funcionava em uma casa de família. Não existia prédio público escolar. Naquela época, a escola funcionou na residência de Sr. Nequim. Durou alguns anos. Logo depois a escola foi para outra casa de família, a casa da família de Zuza do Rêgo e de lá continuou a oferecer educação formal para as crianças e adolescentes da época.

Eu fui com uns 8 anos para a escola, e as escolas eram muito simples, só era uma casa de morada, aí não tinha quadro, não tinha nada. A gente chegava lá, sentava nos bancos de madeira. A mesa também. Os livros eram umas cartas de ABC, que foram os primeiros livros do tempo da gente, que não tinha outros estudos que ensinasse não, era só assim mesmo, a professora ensinava o ABC e depois da carta de ABC, passava pra uma cartilha e da cartilha, passava para o primeiro ano primário. Aí os alunos eram tudo na casa, uns cadernos muito simples, não existia lápis tinta, era tinteiro. Eu estudei até o quarto ano e eu já estava dentro dos treze anos, por aí, quando terminei. Com 14 anos a gente num estudava mais não, desse povo do tempo deu, quem podia às vezes é que ia pra Campina, aqui eu só conheci duas pessoas pra ir estudar em Campina, mas gente terminava o quarto ano aí. A escola era ali onde Nequim morou e depois paremos, a professora adoeceu foi-se embora aí Novinha veio e continuou a ensinar na casa de Zuza do Rêgo, aí terminei o quarto ano aí, bem com uns dois anos ou três à frente, que terminei. (Maria, 80 anos)

A memória da escola é para entrevistada uma forma de retomar o passado, mas não só dela, mas sim de outros atores sociais que, junto com ela, viveram àquela momento. “Tudo o

que é chamado hoje de memória não é, portanto, memória, mas já história. Tudo que é chamado de clarão de memória é a finalização de seu desaparecimento no fogo da história a necessidade de memória é uma necessidade de história” (NORA, 1993, P. 14).

São as lembranças individuais contadas por um ator de um grupo, que passa a se propagar como história e que a partir desta história muitas transformações e resistências são capazes de acontecer, porque a memória é também uma forma de transformar o que não se está no devido grau de desejo ou necessidade como acontece com a escola na comunidade nos anos seguintes.

A comunidade permaneceu sem um prédio escolar formal até o ano de 1977 quando foi construído o grupo escolar. Mas ainda continuou existindo uma escola em residência, que era chamado na época de Escola Municipal Mista e funcionava na casa de uma das professoras do lugar, a prof. Valdemira Tavares Gonçalves, conhecida por Dona Mira⁹. Foi uma escola também muito simples, com espaço interno pequeno. A casa tinha apenas uma sala, uma cozinha e um quarto. As aulas aconteciam na sala em uma mesa grande e coletiva que acomodava todos os estudantes, e ali, aconchegados à ela e sua família, fazia-se as séries iniciais. Sobre isso relato aqui, minha experiência naquela escola.

Mas Naquele momento de nossas vidas, não percebíamos a precariedade do nosso ambiente escolar, talvez porque não conhecessemos outro, ou só imaginávamos que existia, mas não tínhamos como acessar. Uma vez que a memória é também elemento de transformação e de resistência para alcançar o patamar de história, não basta lembrar como uma reminiscência e sim adentrar o campo de uma coletividade, de um grupo que viveu a mesma situação mas com percepções e sentidos diferentes.

Parecia naquele momento não ser necessário, mas carecia sim de muitas coisas, talvez, os outros educandos, não tivessem a sensação ao estar inseridos naquela escola. Talvez seus desejos fossem acessar os equipamentos necessários para uma boa educação formal que era o que deveria ter acontecido com as crianças que estudavam naquela escola e em outras escolas que também careceram de boa qualidade de ensino.

⁹ Mira é o apelido da professora. A casa de Dona Mira foi a minha primeira escola, lembro bem como era. Era de taipa, tinha apenas a sala de estar, a cozinha e um quarto. Estudávamos na sala em uma mesa coletiva onde todos os educandos se sentavam para estudar. Não tínhamos quadro, ela escrevia nossos deveres à mão. Todo o carinho dela por nós era suficiente para que ficássemos bem naquela escola. Às nossas vistas, não nos fazia falta os equipamentos necessários que não tínhamos, bastávamos o seu cuidado, a merenda que ela nos fazia, as brincadeiras no terreiro da escola, a certeza de sua proteção, que não só de professora, mas também de mãe que ela nos oferecia. Foi lá, entre aqueles lajedos e matacões, onde se situava a casa dela que eu plantei o meu sonho de chegar mais adiante nos estudos.

E lembrar desses fatos, trazer à tona para compor a fisionomia de uma lugar é permitir que a história ganhe vida para fazer as devidas mudanças.

A priori, a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa. Mas Maurice Halbwachs, nos anos 20 e 30, já havia sublinhado que a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes. (POLLAK, 1992, p. 201).

O grupo escolar Domício Gonçalves Carneiro, nome que homenageia um antigo morador da comunidade, situa-se bem no centro do sítio. Foi construído por intermédio do líder comunitário, o Sr. Manuel Gomes Pereira, o mesmo foi morador do sítio, mas na época habitava nas fronteiras da comunidade e mais se ocupava da luta comunitária em prol do Taboado de Baixo¹⁰.

1.6A Religiosidade e a fé

A religião predominante em Taboado de Baixo é a católica, com uma forte tradição de devoção a São João Batista, santo padroeiro da comunidade. É também muito presente aqui a tradição de rezar novenas. Algumas famílias têm uma novena de tradição a um santo de sua afeição. A devoção de São João Batista, começou com a chegada de pessoas vindas do Rio Grande do Norte à procura de um lugar com água por perto para fixar vivência e se fixaram aqui por causa da proximidade com o rio. De acordo com memórias dos mais velhos moradores, relatadas no folheto História da população a

Sua imagem veio de Mossoró, Rio Grande do Norte, com a família de João de Oliveira. A devoção começou após um grande “temporal” onde a água aumentava muito e a chuva não parava. O Sr. João de Oliveira fez então uma promessa para que se a chuva parasse ficaria rezando três novenas no mês de junho, e assim, a chuva parou, ele cumpriu sua promessa e começou a rezar as três novenas e fazendo no último dia uma festa em louvor a São João Batista. Por causa dessa devoção foi construída, em nossa comunidade uma capela que foi inaugurada no ano de 2004, nesse local são rezadas as três novenas e é a maior festa religiosa da comunidade (OLIVEIRA et al, 2007, não paginado).

Após a morte dos mais velhos integrantes da família Oliveira, a devoção das novenas de São João Batista ficou aos cuidados da Sr.^a Maria de Lourdes. Pessoa responsável por

¹⁰A escola atendeu aos estudantes moradores até o ano de 2018, atualmente se encontra fechada por falta de estrutura física do prédio. Foi reivindicada a reforma à atual administração do município e estamos no aguardo da iniciativa da obra.

manter a tradição. Através dela, a comunidade atualmente tem a festa do padroeiro institucionalizada pela diocese de Campina Grande e, conseqüentemente, pelo vaticano. A Sr.^a Maria de Lourdes faleceu em maio de 2018 aos 93 anos, deixando uma herança cultural através da religiosidade e fé, com grande contribuição para nosso gênero de vida.

Os festejos do padroeiro, na capela, acontece todos os anos desde 2004. Ano de sua inauguração, mas antes da construção da capela a novena e a festa do santo acontecia na casa de Dona Maria de Lourdes. Antes de ser na casa dela, a novena e a festa era na antiga residência, hoje já demolida, dos herdeiros da família Oliveira que hoje já tem no local uma nova casa construída e habitada por descendentes da mesma família.



Figura 8. Imagem de São João Batista vinda de Mossoró, RN. Foto de Darciley Gomes de Oliveira, 2019.



Figura 9. Capela São João Batista Fonte: acervo da autora. Foto de Darciley Gomes de Oliveira, 2019.



Figura 10. Procissão de São Joao Batista Fonte: Acervo de Ana Cláudia Macedo, 2019.

A festa tem início entre os dias 20 e 24 de junho, com um tríduo, duas missas e procissão com a imagem do padroeiro pela comunidade. Figura 10. Durante os dias da festa, também acontece a quermesse organizada pelas pastorais e pelas doações dos moradores. A quermesse, é um momento de confraternização entre as famílias e a renda é direcionada às necessidades da manutenção da capela.

[...]a novena de São Pedro, sua imagem veio do município de Serra Verde, PE, com a família Gonçalves, que tinha a tradição de rezar a novena, passando então a devoção para a casa de Antônio Pedro Gonçalves na comunidade do Taboado de Baixo onde se reza todo ano a novena na véspera de São Pedro, dia 28 de Junho (OLIVEIRA et al, 2007, não paginado).

Outras devoções com outros santos fazem parte da religiosidade.

Há também uma devoção muito antiga de rezar duas novenas na noite de ano, uma novena de São Sebastião e uma de Nossa Senhora da Conceição. Antigamente as novenas eram rezadas na casa de Luiz Tavares de Farias e Maria Humberlinda da Conceição e era uma festa muito animada, com banda de pífanos após a novena onde as pessoas festavam a noite toda. Hoje em dia, as novenas são rezadas na casa de Antônio Ageu, (já falecido) mas sua família continua a devoção na comunidade só que com menos festejos. (OLIVEIRA et al, 2007, não paginado).

Em Taboado, sempre é comum se rezar novenas nas casas. Quando ainda não havia prédio institucional da igreja católica, as programações paroquiais e pastorais eram realizadas nas residências, como exemplo o Natal em família, campanha da fraternidade, (CNBB)¹¹ Mês Mariano¹² e outras novenas que são realizadas pelas famílias. Geralmente são rezadas em ação de graça por algumas graças alcançadas. Contemporaneamente temos como devoção e tradição, as demais novenas: Santo Antônio, Santa Luzia, Santa Ana e Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

No âmbito das crenças e da fé do povo do Taboado de Baixo, existetambém a cultura dos rezadores.¹³ Consta em relatos no folheto sobre a História da população do Taboado de Baixo, quem foram eles e elas: Severino Victor Gonçalves, Valdevino Oliveira, Ageu, Gonçalves, Maria das Dores, Cândida Henrique, Manuel Domício, José Ambrosio, José Barbosa, Maria de Lourdes, João Duda e Antônia Ventura. Todos já falecidos.

A cultura do rezador/curador permanece viva neste lugar. O rezador Geraldo Marinho é um sujeito natural desta terra que se ocupou em seguir com os costumes tradicionais, espelhando-se em pessoas mais antigas da comunidade e em familiares e através de seu “dom”. Vaqueiro de profissão, agricultor artesão e rezador, me relatou ele:

O que me levou a ser um rezador, foi que eu pedi a Deus que ele me desse a fé, que eu pudesse rezar as pessoas sem cobrar nada de ninguém, fazer favor as pessoas, só rezar. Porque pra rezar as pessoas não é pra todo mundo, você pode viver na igreja todo dia, mas se não tiver bom coração não adianta, tem que ter fé e fazer o bem. Aqui eu conheci muitos rezadores sabidos, já morreram quase tudo, o falecido Severino Gonçalves era daqui e era homem sabido, dona Severina a mulher dele também rezava, dona Maria de Florentino, rezava também. Era sabida e eu já rezei ela, ela estava já velha com diabetes, criou um ferimento na perna e não melhorava e eu tive que rezar e ela ficou boa da perna, ela já estava velha, depois que eu rezei ela com dois anos ela morreu. A primeira vez que eu rezei eu tinha 45 anos e rezei uma criança, eu tinha fé em santo Antônio, tinha esta oração há tempo, tinha também de

¹¹A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) é a instituição permanente que congrega os Bispos da Igreja católica no País, na qual, a exemplo dos Apóstolos, conjuntamente e nos limites do direito, eles exercem algumas funções pastorais em favor de seus fiéis e procuram dinamizar a própria missão evangelizadora, para melhor promover a vida eclesial, responder mais eficazmente aos desafios contemporâneos, por formas de apostolado adequadas às circunstâncias, e realizar evangelicamente seu serviço de amor, na edificação de uma sociedade justa, fraterna e solidária, a caminho do Reino definitivo.

¹² Devoção a Nossa Senhora, a mãe de Jesus que se realiza na religião católica durante todo o mês de maio.

¹³ Pessoas que faziam rezas para a cura de enfermidades, como dor de dente, juntas torcidas, hemorragias, entre outras.

Padre Cicero. Daí eu comecei a rezar problemas mais graves das famílias e tenho que viver com todos da comunidade muito bem, me sinto bem com todos, se me procurar eu só vou dar o conselho para o bem (Geraldo, 55 anos).

O papel do rezador é antes de tudo uma escolha de um modo de viver, no relato fica claro que ele acolheu a atitude de estar bem com todos e querer o bem de todos do lugar que vive, esta afetividade é também uma característica do Taboado no tocante ao relacionamento que o povo tem com a devoção e a fé com o padroeiro. Importante dizer que foi esta fé e religiosidade que deu identidade a esse lugar. Não que essa seja a única forma de se relacionar com Deus, mas que socialmente contribuiu para visivelmente com a identidade.

1.7O lazer no Taboado de Baixo entre 1950 e 2019

As formas de lazer se dividiam em: o banho no rio, o jogo de futebol, as bodegas em fins de semana, os forrós em finais de semana (chamados na época de assustados) e as festas juninas. Segundo (MENOIA, 2000), em toda a história da humanidade o lazer teve um papel importante. Para os gregos nos tempos áureos era a principal atividade, deixando o trabalho para os escravos e ocupando o lugar do ócio. É notório que o lazer tem o poder “aliviar a vida”, liberar as tensões, renovar o sujeito para uma nova temporada de trabalho e labuta e possibilita a fantasia. Porque o ser humano é um ser lúdico, como pensou um sociólogo francês, que o lazer é

[...] um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou ainda, para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais. (DUMAZEDIER, 2000, p. 34).

As formas de lazer no sítio Taboado nos anos 1950 e 1960 eram limitadas ao jogo de futebol e à bodega do Sr. Biu Benedito. A bodega situava-se na área central da comunidade e era o único ponto de distração para os taboadenses daquela época. Era também nessa bodega, que os homens se reuniam para jogar sinuca, ingerir bebidas alcoólicas e conversar. Nessa mesma área da bodega, foi frequente também por um determinado tempo, a presença de circos, que vinham trazer diversão para as noites do sítio. O futebol era o que mais reunia as crianças e adolescentes o gênero masculino, o feminino a minoria poucas vezes frequentava o campo de futebol para observar os jogos. O lazer para elas era sempre em suas residências

com brincadeiras de roda¹⁴, estória de Trancoso¹⁵ e adivinhações. Nesta época, o lazer que acontecia fora de suas residências era de maioria do gênero masculino.

Por volta dos anos 1970 o lazer se expande à prática do banho de rio, principalmente para os mais jovens. Figura 11. Sendo o lazer um momento de desconexão com as obrigatoriedade e uma aproximação com a liberdade do viver, a fotografia expressa um momento de pessoas jovens ao desfrutar do lazer em volta do rio, pois além do banho, o estar às margens do rio e sentir as suas manifestações naturais como o som da água, o cheiro que ambiente exala, a sol que arde na pele e o frescor da água que alivia o ardor é um conjunto de sensações que leva o sujeito a sentir-se relaxado e desconexo das preocupações sociais do cotidiano.



Figura 11: banho de rio nos anos 1980. Fonte: acervo de Cleusa Gomes de Sousa.

Recordo-me que a partir do meados do decênio de 1980, que os banhos de rio no Taboado de Baixo, eram uma prática de lazer da qual experimentamos bem. Chego a sentir, ainda nas lembranças, o contato mais íntimo que tive com ele. Era uma parte da natureza que nos completava como seres integrantes dela. A água fina, transparente e brilhante, o vento suave como quem assoprava os nossos aís, o sol ardente, claro, que alumiaava nossos sentimentos; a firmeza das rochas como quem nos sustentava para seguirmos a vida, as

¹⁴ Tipo de brincadeira que se faz um roda humana e todos circulam pegados nas mãos uns dos outros e cantando músicas específicas da brincadeira.

¹⁵ Trancoso vem de Troncoso, lugar de troncos. Houve um escritor português, colecionador de contos que tinha por sobrenome Trancoso. Trancoso teve uma evolução semântica e incluía contos fantásticos, fábulas. A semântica explica. Hoje em dia história de trancoso é algo irreal, fábula, algo lendário. Muitos contos infantis são classificados como histórias de trancoso.

partículas de silício, silte e argila, massageavam nossos pés como quem pedia encarecidamente que não parasse a caminhada e os leves toques da vegetação aquática em nossos corpos era como os finos cabelos das sereias, como se elas estivessem ali para brincar com a gente.

Tudo era como se voltássemos à nossa ancestralidade, como se nossos corpos perdessem a atividade social e exercessem apenas a humana em seu habitat, era a terra, a água, o ar e a luz, nos envolvendo através de nossa própria matéria prima, era como se nos aproximássemos da experiência de Tritão¹⁶ o deus das águas. É nesta lógica que o geógrafo Elisée Reclus se refere em sua obra A História de um riacho. Disse ele:

Um dos prazeres do banho, prazer que nem sempre nos damos absolutamente conta, mas que não deixa de ser real, é que retornamos temporariamente a vida dos ancestrais. Sem ser subjugados pela ignorância como o selvagem, tornamo-nos fisicamente livre como ele, mergulhando-nos nas águas; nossos membros não tem mais de sofrer o contato com nossas odiosas roupas, deixamos também na margem ao menos uma parte de nossos preconceitos de profissão ou ofício; não somos mais nem operários, nem comerciantes, nem professores nem médicos; esquecemos por uma hora ferramentas, livros e instrumentos e, de volta ao estado de natureza, poderíamos ser tentados ainda a crer nessas idades da pedra ou do bronze, durante os quais as tribos bárbaras ungiam suas cabanas como pilotis no meio das águas. Semelhantes aos homens dos tempos remotos, nosso livres de toda convenção, nossa gravidade de comando pode desaparecer e dar lugar a alegria ruidosa; civilizados que o estudo e a experiência envelheceram, reencontramo-nos crianças como nos primeiros tempos da juventude do mundo (RECLUS, 2005, p).(ainda vou colocar a página)

O rio nos fazia mais felizes. Levava-nos a tais experiências nem sempre percebidas, mas que nos tornavam mais humanos, tomar banho no rio em dias de domingo era o lazer mais frequente de nós moradores, e vinham também pessoas de outras localidades até de outras cidades para desfrutar desse lazer. Na década de 1990, o lazer no rio é comprometido porque com a estiagem regional, as comportas do Epitácio Pessoa foram fechadas, não permitindo a perenidade artificial que o mesmo adquiriu com a construção do açude.

Os jogos de baralho e dominó entre amigos e os forrós aos finais de semana foram também uma distração, nas décadas de 1970 e 1980. Relato de entrevista sobre os forrós.

Tinha a radiola de discos, que era minha mesmo, aí comprava os discos de forró, Luís Gonzaga etc. E no término de um, já deixava marcado para na outra semana ir para outra casa. Radiola de pilha, dois carregos por noite, seis pilhas grandes. Nesses forrós, uns fumavam e bebiam e outros não. (João, 60 anos).

¹⁶Tritão, filho de Poseidon e de Anfitrite, era um semideus marinho; a parte superior do seu corpo até os rins figurava um homem nadando, a parte inferior era de um peixe de longa cauda. Era o arauto do deus do mar, a quem precedia sempre, anunciando a sua chegada ao som de uma concha recurva; algumas vezes é trazido à superfície das águas, outras vezes aparece em um carro puxado por cavalos azuis.

Os “assustados”¹⁷ extinguiram-se na década de 1990. Nesta época, o Taboado de Baixo com sua área toda equipada com rede de energia elétrica, ganha outras formas de diversão, o lazer se reconfigura e os jovens passam a adquirir o costume de ver televisão, assistir novelas, filmes, escutar músicas em gravadores que permitiam acessar fitas cassete. Desta forma, praticavam o ócio domiciliar, como forma de lazer.

Dos anos 2000 em diante, se intensificam o uso das tecnologias de informações, os moradores começam a se entranharem na tessitura da globalização. Adquirem TIs como: celulares, equipamentos de sons com acesso a CDs e DVDs, TVs com antenas parabólicas com mais abrangências de canais de emissoras, passam a ter um alcance maior de informações.

Por fim, recentemente em anos atuais da década de 2010 a 2019 o lazer muito sedar pelas TIs e o mundo virtual da internet. É comum hoje os jovens se limitarem a estar em suas casas acessando as redes sociais como forma de ocupar seus tempos livres, esta forma de lazer, disputa espaço como futebol, que sempre esteve presente, no modo de se divertir desse lugar.

Outros lazeres foram e são festas juninas, que para diversos nordestinos é um marco de alegria. Essa festa permite ao sujeito viver o estado lúdico que configura parte da psique do ser humano, traz a poesia que vez ou outra alguém procura dizer com palavras, mas muitas vezes só consegue dizer com o olhar ou guardar no coração. Mas sempre que chegava a noite de São João no Taboado de Baixo, a animação tomava espaço na cabeça e nas emoções de quem curti as festas juninas, assim como diz a canção.

Olha pro céu, meu amor.
Vê como ele está lindo.
Olha praquele balão multicolor,
como no céu vai sumindo.
Foi numa noite, igual a esta
que tu me deste o teu coração,
o céu estava, assim em festa,
pois era noite de São João.
Havia balões no ar,
xóte, baião no salão
e no terreiro
O teu olhar, que incendiou
Meu coração.

(Luiz Gonzaga / José Fernandes, 1950).

¹⁷ Assustados era como se chamavam as festas que os jovens promoviam nas residências em finais de semana. Também chamavam de discoteca e matinês.

Com esta marcha, é até hoje, em todo Nordeste, embalada a festa de São João. Aqui, a festa do santo, além da tradição das novenas, se expandia para um animado forró na residência do Sr. Manuel Gomes e era lá o baile de São João mais conhecido de toda essa região. Apesar de o Sr. Manuel Gomes morar à fronteira da comunidade de Taboado de Baixo com a comunidade de Taboado de Cima, era em sua casa que acontecia a festa. O evento permaneceu entre as décadas de 1970 até o fim da década de 1990. Foi um marco do lazer e das relações sociais do povo do sítio Taboado de Baixo.

Era uma festa muito animada, onde as pessoas iam para um forró que acontecia na casa de Sr. Manuel Gomes, quando as pessoas, ou seja, as famílias chegavam lá a partir das 8 (20hs), já estava o sanfoneiro tocando, o povo dançando. Tinha um botequim do lado da casa, onde as pessoas iam comprar as bebidas e beber. Tinha uma tradição também de cota¹⁸, “tirar a cota”, onde os cavalheiros pagavam aquele valor e as moças dançavam com os cavalheiros e não podiam “cortar”¹⁹ os cavalheiros se não, dava uma briga. E assim, quando era lá para umas quatro horas da manhã, eles inventavam uma quadrilha²⁰ e amanhecia o dia com esta quadrilha, aí a festa acabava. O Sr. Manuel Gomes também oferecia um café às famílias, era um café com bolachas e era muito divertido, toda família participava desse momento. (Mary, 59 anos).

Algumas vezes, a trama de enredos de um lugar se alonga para determinadas fronteiras, foi o que ocorreu aqui nesta conexão entre o Taboado de Baixo e a festa junina que acontecia na área de fronteira da localidade, na residência do Sr. Manuel Gomes, neste contexto, a tessitura do lugar se expande para os arredores.

Na maioria dos casos, pontos flexíveis do espaço que acabam por confundir a percepção do observador de estar em tal ou qual bairro. Tais fronteiras de inexpressiva vida própria contrapõem-se aos lugares de extrema sociabilidade, comumente materializados nos “corações” dos bairros populares. Espaços nodais de características marcantes, cuja personalidade se mostra mais vívida e forte em decorrência da efervescência das práticas sociais ali engendradas que cadenciam o ritmo do lugar. (HALLEY, 2014. P. 49).

Esta trama de enredo, possibilitou a participação tanto de compartilhamento de eventos ocorridos na casa de Sr. Manuel Gomes, como também ajudou a comunidade a recebe-lo como ator social do lugar, pois o mesmo tinha sido morador do sítio por um tempo e mantinha relação de afetividade com o mesmo. Sr. Manuel, participava efetivamente em

¹⁸ Cota neste sentido para eles, era um valor que os cavalheiros pagavam para dançar no baile. Era uma prática somente masculina e as mulheres eram isentas desta taxa de cobrança, mas em compensação ela não podiam se negar a uma dança com nenhum cavalheiro.

¹⁹ Cortar neste sentido era se negar a uma dança com um cavalheiro.

²⁰ A quadrilha é uma dança tradicional das festas juninas que ocorrem no mês de junho no Brasil. Ela é uma dança coletiva, que conta com a participação de vários casais vestidos com roupas caipiras. A dança é embalada ao som de músicas instrumentais típicas do interior do Brasil. A quadrilha é dirigida pela narração de uma pessoa (marcador), que faz brincadeiras e conduz os casais em cada momento.

eventos promovidos no Taboado de Baixo, possibilitando-o a exercer seu desejo de liderança, ação que resultou em alguns frutos, relatados a diante.

1.8 As relações sociais

O que faz um lugar são as tramas de relações afetivas, porque o lugar é segurança (TUAN, 2013.P 11). O lugar transcorre pelas entranhas das intimidades, o lugar é também conhecer de perto quem mora na mesma área, é uma segurança atrelada às proximidades dos sujeitos, onde as subjetividades se cruzam e fazem uma tessitura humana de sentimentos. Se relacionar socialmente em lugares pequenos é adentrar os espaços afetivos e fazer parte do viver coletivo. No Taboado de Baixo as relações sociais são frequentes e esta é uma das características do sentido de Lugar. Povoado muito mais por pessoas com grau de familiaridade, as relações sociais estão muito ligadas à afetividade como também às relações de compadrinamento²¹.

Se relacionar socialmente no Taboado de Baixo, é participar de todos os eventos que aconteçam na comunidade. Nas décadas de 1950 e 1960 estas relações se davam pelos eventos religiosos que eram as novenas e também nos encontros na bodega, festas de casamento, forrós em casas das famílias e pelo trabalho com as redes de dormir, (porque as famílias tinham o hábito de ir para casa de outras durante o início da noite para fazer as redes enquanto conversavam).

Muito pouco essas relações se davam pela escola. Nessa época, não era comum os pais se envolverem com a escola dos filhos e muitas crianças também não frequentavam a escola, estavam muito mais ligadas ao trabalho.

Nem escola eu tive porque só vivia nos roçados mesmo. Lá no Rio (Rio de Janeiro), foi que estudei poucos tempos, uns dois meses ou três, para assinar o nome e conhecer algumas coisas. Então aqui eu só estudei quando Novinha estava aqui na casa de João Sipriano e quando ela foi embora, pronto, acabou-se, não estudei mais (José, 86 anos).

Sem muitas relações com a escola, restava o jogo de futebol e os encontro dos moradores na feira municipal da sede do município nos dias de sábado e os eventuais encontros com os vizinhos. Era muito comum nesta época também, que as pessoas fossem à noite escutar rádio nas residências de quem o possuía. Como se pode ver neste relato. “Eu era nova e eu ia assistir estes programas com mãe e pai na casa de Antônio Valdivino, íamos

²¹ Relação entre os chefes de famílias. Neste caso, os chefes de família são padrinhos dos filhos uns dos outros causando uma forte vínculo de amizade e consideração, relação social comum em lugares pequenos.

assistir era o forró de Zé Lagoa de Campina Grande, era um programa que passava à noite” (Maria, 80 anos). Este programa citado foi um marco para a sociedade paraibana da época²². Com pouquíssimas famílias a possuir equipamento de rádio, foi muito comum que algumas relações sociais se dessem por esta via, razão para que os laços afetivos dos sujeitos se estreitassem ainda mais.

Já nas décadas de 1970 até a de 1990, outros modos de relacionamento social movimentavam o cotidiano do povo desse lugar. As inter-relações se davam muito pelas festas e eventos sociais que o povo do lugar promovia, o futebol tradição religiosa das novenas, grupos pastorais que realizavam trabalhos de evangelização nas residências, festas da escola de educação formal, escola de artesanatos e por todas as práticas de lazer existentes no sítio.

O time de futebol (figura 7) nessa época foi institucionalizado como Internacional do Taboado de Baixo, o mesmo era chamado de Fluminense, mas com uma reformulação da prática desta atividade mudou o nome e já são trinta anos do time com o novo nome. Assim como relatou este entrevistado. “As coisas boas aqui é a amizade. Sou o fundador do time do Internacional, antigamente era Fluminense, aí misturou com o outro Taboado, houve confusão, aí quando separou ficou como Internacional e ele já está com 30 anos de fundação” (Geraldo, 55 anos).



Figura 12. Time do Internacional do Taboado de Baixo.

Fonte: <<https://www.facebook.com/InternacionalDoTaboado/>> Acesso em 29/11/2019.

Nas relações sociais do sítio, houve a contribuição do Sr. Manuel Gomes Pereira para muitos eventos na comunidade nessa época, Ele contribuiu muito para a organização das

²² Programa “Forró de Zé Lagoa” apresentado na Rádio Borborema na cidade de Campina Grande. O programa mesclava personagens, humor, canções, poemas, notas de utilidade pública, piadas, e sem dúvida tantos ingredientes tornaram “Forró de Zé Lagoa” um dos principais programas radiofônicos das décadas de 50 e 60.

festas realizadas pelos moradores; festas das escolas em parceria com as professoras, da escola de artesanatos, do dia das mães, do dia das crianças, festas natalinas etc. O mesmo também promovia em sua residência o forró da noite de São Joao e de São Pedro já mencionado neste trabalho. O Sr. Manuel Gomes era casado com uma mulher natural do Taboado de Baixo e este fato lhe causou afinidades com o lugar, promovendo as relações sociais junto com os moradores do sítio.

Sobre esta trama de enredos que possibilita a intelecção com as margens e as fronteiras dos lugares, Bruno Halley discorre que

Os laços de afinidade são muito expressivos nesses centros de significância, onde não há tabuletas indicando a sua designação. Mas a experiência repetida dos homens, transformada em fraternidade, identifica ou traça os limites de seu território. Os administradores estabelecem fronteiras rígidas para os bairros. Entretanto, para os moradores do lugar a demarcação é tênue e não muito rígida, podendo variar para lhes conceder status, por exemplo (MELLO, 1991 *apud* HALLEY, 2014. P. 46).

De certa forma a relação social com o Sr. Manuel Gomes, lhe concedeu um status de liderança na comunidade, a abertura que lhe foi concedida ao território de fronteira, veio a somar com as potencialidades do lugar e juntos movimentaram os relacionamentos sociais da mesma. O Sr. Manuel Gomes faleceu no ano de 2013 e tem homenagem póstumo sítio pelo antropotopônimo²³ do posto médico municipal que existe na comunidade, posto médico Manuel Gomes Pereira. Homenagem que simboliza através da memória a gratidão pelas lutas comunitárias que travou em prol do povo do sítio Taboado de Baixo.

Após os anos 2000, essas relações passaram por descontinuidades do modo de ser e estar no mundo social dos taboadenses. As pessoas se limitam muito mais em torno da televisão, não sentindo mais a necessidade de frequentar as casas de amigos para escutar músicas ou programas de rádios, pois a tecnologia moderna começa a penetrar nos lares das famílias e lhes apresentar outros modos de relacionamentos.

A partir da década de 2010, o sinal de internet alcança o Taboado de Baixo e essa novidade reformula toda a forma de comunicação e interação com o mundo, intensificam ainda mais o modo de ser globalizado. Mas as relações pessoais permanecem com os eventos religiosos, futebol, encontros em bares, (as bodegas se transformaram em bares).

Com a escola fechada por impossibilidade de funcionamento, não há contemporaneamente eventos promovidos pela escola. Como infraestrutura

²³ É topônimo de natureza antropocultural de nomes de lugares a partir de nomes de pessoas.

arquitetônica, existe no sítio um grupo escolar, (fechado), uma igreja católica, uma igreja evangélica e um posto médico.

1.9 À guisa de conclusão

Segundo LABLACHE, 1999. P. 141 “a história de um povo é inseparável da área que ele habita”. Falar dos modos de vida do povo do Taboado de Baixo é dizer sobre suas vivências e experiências, é perceber que não existe a possibilidade de falar de seus sujeitos separados do seu lugar, porque o lugar, é antes de tudo, o sujeito que o ocupa. Ainda segundo o mesmo autor “Não se pode representar o povo grego em outro lugar a não ser em torno dos mares helênicos, o inglês a não ser em sua ilha, o americano a não ser nos vastos espaços dos Estados Unidos” (LABLACHE, 1999, p. 141).

E eu acrescento, não se pode falar do Taboado de Baixo a não ser dos seu tabuleiros, das margens e vazantes do Rio Paraíba. Como também, sem a presença marcante da Serra do Caturité, muito menos fora das entranhas dos fios das redes de dormir e nem sem perceber as tiras coloridas dos tapetes que geram renda econômica para essa gente. E, jamais, sem lembrar dos banhos de rio que lavavam o corpo e a alma dos taboadenses e nem sem lembrar dos forrós que o povo dançava para alegrar a vida, espantar a desesperança que, vez por outra, as estiagens traziam.

Toda essa estrutura física, natural, junto com as forças de trabalho, as subjetividades, as energias, e as individualidades de cada sujeito, faz do Taboado de Baixo um ser geográfico. Neste sentido, “é então que uma área adquire precisão e se diferencia, tornando-se em sentido amplo como uma medalha esculpida pela efígie de um povo” (LABLACHE, 1999, p. 143). São os mistérios, o poder, a proteção, o sagrado, a sabedoria e outras forças que o ser humano incorpora para dar vida e sentido a um determinado lugar que faz dele um ser geográfico isto é, passa a ter uma identidade geográfica marcada por sua fisionomia singular.

Na obra *Vidas Secas* de Graciliano Ramos, há uma representação generalizada das regiões de estiagem do Brasil. Trata-se de uma representação dos anos 1930, onde uma família de miseráveis retirantes migra em busca de terra com água para saciar a sede e produzir alguma coisa para matar a fome. Por muitas vezes, essa ideia e as imagens que a acompanham representaram o povo dos sertões nordestinos. Caracterizou-se de forma equivocada muitos lugares onde a chuva chega com uma certa demora.

Tal observação, em que algumas realidades são ressaltadas, e não por exageros totais, mas por serem um elemento real da paisagem e que precisam ser expressados pelo observador, de certa forma é, a valorização de uma parte que passa a ser entendida como o todo, o que Maciel chama de “metonímia geográfica”. Sobre isso é importante dizer que,

quando se estuda o conceito de paisagem, percebe-se claramente que uma das mais fortes determinações semânticas da imaginação geográfica reside na seleção de alguns atributos da realidade, os quais são colocados em destaque, tomados como centrais ou, no limite, passam a designar por inteiro esta realidade a que se referem. Tal procedimento básico aponta justamente para a possibilidade de se considerar as paisagens enquanto metonímias geográficas, esquemas ou modelos antecipatórios acerca de uma realidade mais extensa. (MACIEL, 2009, p. 34).

Foi pela metonímia que quem “inventou o Nordeste”²⁴ viu os lugares semiáridos, pois há em cada lugar do sertão nordestino, particularidades. São nutrientes, criatividade, potencialidades e forças de trabalho que possibilitam o bem viver do seu povo é uma geograficidade, porque a

geografia é mais que uma base ou um elemento. Ela é um poder. Da terra vem as forças que atacam ou protegem o homem, que determinam sua existência social e seu próprio comportamento, que se misturam a sua vida orgânica e psíquica, a tal ponto que é impossível separar o mundo exterior dos fatos propriamente humanos (DARDEL, 2015, p. 48).

Aqui, no Taboado de Baixo, na Caatinga que por vez se disfarça de morta, no solo magro enfeitado de micas douradas, típico de um clima semiárido tropical quente e seco, neossolos flúvicos e líticos, com vegetação *xerófitas*, é um lugar de bem viver. É um lugar onde todo dia, há uma forma de se reinventar, de aproveitar as experiências e seguir o curso da vida, tal qual segue as águas benditas que escorrem no Rio Paraíba passando aqui para ir se encontrar com o mar.

²⁴ Sobre isso, ver a obra “A invenção do Nordeste” de Albuquerque Júnior (2009).

A MIGRAÇÃO E O RETORNO DE SUJEITOS TABOADENSES

“Nos limites do território nacional, com o que se chamou êxodo rural, foi inicialmente verdade que o mundo rural tenha despejado na cidade sua população” (SAYAD, 2000, p. 7). No período de 1950 a 1980, o êxodo rural no Brasil, transferiu para o meio urbano, o equivalente a 30,0% da população rural existente, e, só a partir dos anos 2000, é que estes números decaem de 17,4 para 3,5 % da população que migrava para os meios urbanos, sendo o Nordeste, a região que ainda tem o maior potencial migratório do Brasil (ALVES et al, 2011, p. 81 e 87).

Esta migração, que se inicia nos anos 1950, por parte do povo do interior nordestino, tem como destino o Sul e Sudeste do país. Levando a mão de obra barata, para o desenvolvimento da urbanização, ou seja, para trabalhar na construção civil e em outros serviços menos exigentes. Muitos foram os sujeitos rurais, que deixaram sua terra natal, para ir em busca de trabalho e fonte de renda financeira, partiram para os pontos luminosos do país, (SANTOS, 2006) na expectativa de melhoria de vida, para si e para quem os deixava à espera.

De acordo com Albuquerque Júnior (2009), quando o Nordeste foi “inventado²⁵”, a partir dos anos 1920, as elites do Sudeste precisavam de uma massa trabalhadora para dar continuidade ao “progresso”. Tal invenção, foi uma urgência do início do século XX, pois com a extensão da produção advinda da segunda Revolução Industrial, o Sul do Brasil, se preparava para dar impulso as técnicas modernas, influenciados pelos moldes europeus.

Foi necessário que a nação brasileira fosse dividida a fim de dar ênfase ao Sul do país. Assim, ao institucionalizar o Nordeste, já com um discurso preconceituoso, que lhe proporcionou metonímias geográficas negativas, (entre elas, a pobreza, a seca e população “incivilizada”). Desta forma, os sertanejos nordestinos, migrariam, para ser mão de obra potencial barata e a região permanentemente dependente do “Sul desenvolvido”. Assim, o Nordeste passou a ocupar outra margem do Brasil, aprofundando a distância social, para não ser enxergado, nem pelo mundo, nem pela administração pública. Alógica, foi confundir asua

²⁵“A invenção do Nordeste” é um termo utilizado pelo professor Durval Muniz de Albuquerque Júnior, em sua obra A Invenção do Nordeste e outras artes. livro basilar para compreensão e interpretação da produção artística e cultural realizada ao longo do século XX sobre a região Nordeste do Brasil.

identidade. As imagens positivas que atribuiu-se para o Sudeste, foi também que impulsionou a migração dos nordestinos para aquela região.

Este Nordeste é uma máquina imagética discursiva que combate a autonomia, a inventividade e apoia a rotina e a submissão, mesmo que esta rotina não seja o objeto explícito, consciente de seus atores, ela é uma máquina discursiva que tenta evitar que os homens se apropriem de sua história, que a façam, mas que sim que viva uma história pronta, já feitas pelos outros, pelos antigos; que se ache “natural” viver sempre da mesma forma as mesmas injustiças, miséria e discriminações (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2009. p. 100).

Para entender asmetonímias geográficas, que se intensificaram sobre o Nordeste, é importante dizer, que ela tem sua origem, na maneira de como foi imaginado a relação da região Nordeste com o resto do país.

Seriam, enfim, mapas provisórios que falam sobre o estado da arte *geosóficade* um povo ou qualquer grupo social, como esquemas que estão ao mesmo tempo em permanente revisão, almejando adequar-se ao real e compreendê-lo. Tal compreensão deve ser vista enquanto uma interação com o mundo. (MACIEL, 2009. P. 38)

Tal *geosofia*²⁶ é o que leava imaginar o mundo, de ver sua relação com os sujeitos, de todos os pontos de vistas, inclusive o imaginário. E para o Nordeste, serviu para criar uma metonímia e colocá-lo no patamar da imaginação, sem se preocupar com a sua realidade. Ou seja, não ter a pretensão de lhes dar o significado justo, mas de deixar que o olhar de quem o apreciasse, retirasse as suas próprias conclusões, só que embasadas nas lógicas impostas que lhes foram atribuídas. Pois, para o nordestino do interior, em alguns pontos, de fato existe áreas com estiagens, com pouco povoamento e pela dimensão do território brasileiro também existem distancias geográficas.

Mas não foram somente, esseslugares, que tiveram essa forma distorcida de sua identidade,foi tomado nesse discurso, uma parte pelo todo.Ou seja, uma pequena área, com uma situação, até mesmo temporária, serviu de parâmetro para modelar o Nordeste brasileiro, fato que levou os diversos sertões, com suas diversas identidades, a serem enquadradas em apenas uma imagem, um retrato que descaracterizava o seu povo e sua diversidade cultural.

²⁶ O termo geosofia refere-se ao geógrafo estadunidense John Kirtland Wright, em 1946, no discurso proferido para a Associação dos Geógrafos Americanos (AAG). Na ocasião, pensando as terras incógnitas que ainda restariam a ser exploradas após satélites, aviões e outras tecnologias mapearem ponto por ponto a superfície terrestre, John K. Wright (2014, p. 18) sugere que “[...] as mais fascinantes de todas as terrae incognitae são aquelas que ficam dentro das mentes e corações dos homens”. Interessado no lugar da imaginação na Geografia estava ele considerando um conhecimento geográfico distinto do institucionalizado, a geosofia enquanto “[...] estudo do conhecimento geográfico a partir de qualquer ponto de vista” (WRIGHT, 2014, p. 14 *apud* GALVÃO FILHO, 2018).

Mas sair do lugar de origem, para experimentar outros, nem sempre foi uma ação baseada apenas em necessidades financeiras e de condições ambientais. É também, um desejo de muitos sujeitos, conhecer outros “mundos”, é algo a mais que o ser humano leva consigo, durante toda a sua jornada de vida. Isso está nas entranhas do ser, do ser alguém que explora o espaço, que “ganha” a liberdade. Isso porque: “o lugar é segurança e o espaço é liberdade: estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro” (TUAN, 2013, p. 11).

Tal segurança e tal liberdade é algo que o sujeito procura através de suas experiências, isso porque também,

a experiência, é um termo que abrange, as diferentes maneiras, por intermédio das quais, uma pessoa conhece e constrói a realidade. Essas maneiras, variam desde os sentidos mais diretos e passivos como o olfato, paladar e tato, até a percepção visual ativa e a maneira indireta de simbolização” (TUAN, 2013, p.17).

O ser humano necessita viver às experiências, para poder entender a sua existência. Este fator é o que impulsiona as migrações e o movimento da vida no planeta. Pois a dinâmica do movimento, dos atores humanos e não humanos, acompanham a lógica de todo o movimento da Terra e de tudo que existe no mundo, é como a Geofilosofia que explica o pensamento através da desterritorialização e do movimento contínuo das ações, que através delas justifica o pensar. Isso porque,

pensar se faz antes na relação entre o território e a terra. Vimos, todavia, que a terra não cessa de operar um movimento de desterritorialização *in loco*, pela qual ultrapassa todo território: ela é desterritorializante e desterritorializada. Ela se confunde com o movimento daqueles que deixam em massa o seu território, lagostas que põem a andar em fila no fundo da água, peregrinos ou cavaleiros que cavalgam numa linha de fuga celeste. A terra não é um elemento entre os outros, ela reúne todos os elementos num mesmo abraço, mas se serve de um ou de outro para desterritorializar o território. (DELEUZE, 2016, p. 103.)

A migração é um elemento e um fator que ocorre na coleção de dinâmicas da terra, é como o movimento do pensar. É como ocupar territórios da mente. Desocupar e ocupar neurônios com ideias. Migrar é ocupar e desocupar lugares, é a busca do encontro do sujeito com ele mesmo, com a liberdade que ele procura nos espaços e a afetividade que ele só encontra nos lugares que ele cria, através das relações com as pessoas e com os geosímbolos²⁷, que pode ser definido como “um lugar, um itinerário, uma extensão, que, por razões religiosas, políticas ou culturais, aos olhos de certas pessoas e grupos étnicos, assume uma dimensão simbólica que os fortalece em sua identidade” BONNEMAISON, 2012, p. 292).

²⁷Os geosímbolos são representações onde estão inseridas marcas afetivas, são elementos naturais, itinerários ou estruturais de um lugar que têm significado para os conhecedores de um determinado lugar. São os equipamentos arquitetônicos, as crenças religiosas, os eventos sociais etc. Eles de certa forma, estão ligados à memória e às lembranças dos sujeitos. Ex: Igrejas, pontes, escolas, rios, riachos, festas etc.

O Taboado de Baixo como um lugar do interior do Nordeste brasileiro, não ficaria de fora dessa realidade migratória, que movimentou o país. Quase todas as famílias, tiveram migrantes para o Sudeste, também houve migrações para o Norte, Centro-Oeste e Sul, mas me dedico a analisar as experiências dos sujeitos migrantes para o Sudeste, especificamente para a cidade do Rio de Janeiro, porque diante da minha análise, como também moradora da comunidade, percebo que foi a cidade que mais recebeu os migrantes taboadenses.

A fim de compreendê-las, foram ouvidas dez pessoas, entre elas, cinco indivíduos que migraram para o Rio de Janeiro e retornaram algum tempo depois para morar no Taboado de Baixo. São migrantes de retorno inter-regional, pois o “migrante de retorno é qualquer pessoa que tenha nascido ou residido no Nordeste, passado algum tempo morando fora da região, e que atualmente resida em algum lugar do Nordeste.” (SCOTT, sem data, p. 169).

As que migraram, tiveram suas vidas por um período de tempo, dividida entre o seu lugar e o mundo afora. Entre os principais motivos que levaram essas pessoas a migrarem, foi a busca por trabalho remunerado, pois em suas terras, trabalho não falta, mas segundo eles, faltaram-lhes o dinheiro para manter-se junto de suas famílias. Ao retornarem para o Taboado de Baixo, vieram na expectativa de que o lugar já estaria melhor para se viver e com disponibilidade a trabalhar nas atividades de tecelagem de tapetes simples e também em outras relacionadas a agricultura.

2.1 Os que foram

Ocupo-me aqui com os relatos que me foram concedidos. A ideia é perceber também o que não foi dito com palavras, mas que a subjetividade revelou, pois o sujeito é imbricado ao mundo.

O geógrafo que mede e calcula vem atrás: à sua frente, há um homem a quem se descobre a “face da Terra”; há o navegante vigiando as novas terras, o explorador na mata, o pioneiro, o imigrante, ou simplesmente o homem tomado por um movimento insólito da Terra que o saber, em seguida, vem ajustar (DARDEL, 2011, p. 7).

O sujeito é um conjunto de matéria física e de subjetividades, ele existe porque a dimensão espacial de sua cognição lhe orienta, lhe direciona e o torna um elemento que não só está no mundo mas também lhe torna um ser no mundo. Ou seja, um sujeito é, a partir do sentido cognitivo ao qual ele se percebe no mundo e reconhece a sua noção de existência em sentido orientado. Ele, enquanto sujeito, só consegue esta condição, porque se entende como

um ser e um objeto, é essa a encruzilhada que lhe dá um nexos, que lhe tira da condição puramente de natureza material e lhe coloca no cerne da existência humana, porque ele tem, a partir desta condição subjetiva, poder para transformar o espaço de forma consciente.

o sujeito em geografia significa, dentre outras possibilidades, compreender o sujeito enredado nos mais variados fenômenos geográficos, passível a seus métodos, conceitos e campos temáticos, e não, propriamente, compreendê-lo somente como produtor do conhecimento geográfico. Esse edifício perpassa o reconhecimento do sujeito implicado no objeto geográfico tematizado, o que reabre a discussão de compreender tal fenômeno como um *modo de ser* do homem segundo uma *geograficidade*. Essa possibilidade ontológica supõe a empirização do sujeito ou, se preferir, uma encarnação em um corpo que lhe autorize *estar* como um modo específico de *ser*... (LIMA, 2014, p. 14, itálico no original *apud* SOUSA, 2015, p.62).

Nessa imbricação dos sujeitos, que define as suas formas de ser e estar no mundo, o migrante tem um papel importante dentro de uma sociedade, a qual caminha através das territorialidades e das desterritorialidades, isso porque ele proporciona esse movimento.

Comecei a migrar para o Rio de Janeiro no ano de 1952. Fui para o Rio de Janeiro para criar os meus irmãos, que pai não tinha condições, eu tinha 18 anos, aumentei a idade para tirar os documentos porque se tirasse com a idade certa ia para o exército. Chegando no Rio de Janeiro eu passei lá 4 anos entre duas viagens. Depois vim embora para casar e após dois anos comecei a viajar novamente para o “sul” (Belo Horizonte) para trabalhar de camelô. Quando fui para o Rio de Janeiro, era porque aqui não tinha serviço, foi um tempo que não tinha serviço aqui em época de verão, aí era um rebanho de irmão, pai não podia trabalhar, aí mãe tomou dinheiro emprestado para eu ir para o Rio. Assim mesmo passei um ano no Rio que nem ao cinema ia, porque o dinheiro de 15 em 15 dias mandava pra casa. Quando eu cheguei no Rio, por um lado, tudo foi fácil, quando eu cheguei na firma, que arrumei serviço, aí não faltou mais nada pra eu trabalhar e manter a família. Outra coisa, quando cheguei no Rio de Janeiro eu pensava que era uma cidade mais pequena, nesse tempo, quando a pessoa chegava em São Cristóvão, era cheio de gente chamando para trabalhar, chamaram pra São Paulo, mas não quis, porque tinha um parente lá que eu queria encontrar e ficar junto. Lá eu me senti muito bem, era bom. Era lá dentro do mato que não tinha casa, só tinha mais as obras. Mas lá, eu me sentia satisfeito, embora não tinha a liberdade que tem aqui, a diferença é que lá a gente sempre pegava em dinheiro e aqui ninguém pegava, mas tinha a liberdade, todo mundo era conhecido. (Pedro, 86 anos)

Para Pedro, a saída de seu lugar para encontrar um trabalho remunerado, era uma urgência naquele momento, ele necessitava ajudar aos pais a criar os irmãos mais novos. O Cariri paraibano, passava por uma temporada de estiagem, e ele, menino ainda, no início da juventude, se responsabilizava a dar ao que comer para a sua família. E para ele, qualquer trabalho que aparecesse na terra de chegada, era bem-vindo. Desta forma, “quando se chega na ‘terra prometida’, qualquer ganho maior ao que seria possível arranjar antes de sair, lhe parece atraente” (SCOTT, s/d, p. 666).

Para ele, encontrar pessoas conhecidas era o que lhe dava a segurança que buscava, para poder permanecer fora de sua terra natal, é o que também para muitos nordestinos, ou quase todos os seus imigrantes, se apropriaram para sair de seus inúmeros sertões, foi rede migratória que possibilitou a segurança afetiva, para os nordestinos fora de seus lugares. Como afirma SOUSA.

É nítido que a construção da rede migratória se pauta numa lógica de cooperativa e solidariedade, movidas prioritariamente não por uma lógica instrumental, mas regida por uma racionalidade comunicativa, que viabiliza a construção de territórios-rede mediados pelo sistema migratório e promotores de multiterritorialidades. Mas estes territórios têm características singulares, são reticulares, não contíguos, assumem forma de rede e influenciam o modo como se constitui a população da região e, ao mesmo tempo, e os discursos acerca dela (2015. p. 189).

A migração em rede foi o que possibilitou a muita gente a ir trabalhar em outras regiões do país, pois com pessoas da mesma família já residindo lá e com alguma estrutura, se torna mais fácil a ida de outros para trabalhar e viver fora de seu lugar de origem. Para Pedro, isso representou um alento, encontrar um conhecido para poder ter alguém, que pudesse ser para ele, um amigo e com isso ele ter fora de seu lugar de origem alguma afetividade.

Trabalhar o ano inteiro e não lhe sobrar dinheiro para um ato de lazer parece ter sido dolorido para ele, pois o ser humano encarregado de suas atribuições sociais, também necessita de atividades lúdicas que lhe tragam prazer e reative sonhos por meio de alguma fantasia. Mas viver como imigrante nordestino no Rio de Janeiro, não era possível naquele momento para ele, desfrutar de tal ócio. Pois os que ficaram, à sua dependência financeira, esperavam a sua generosa contribuição. E o trabalho subalterno que ele exercia, não lhe era suficiente para manter as suas necessidades. “O uso de trabalho, é o dominante, especialmente num contexto de uma política nacional repressora de mão-de-obra cujas ações legitimam e trilham os caminhos da degradação das condições de sobrevivência do trabalhador, em nome do bem da nação” (SCOTT, s/d., p. 665)

Mas não lhes faltou trabalho e nem empresas interessadas na mão-de-obra barata, que os migrantes nordestinos levavam naquele momento para o Sudeste, como ele disse, bastava chegar lá na “terra prometida” que os empregadores já chamavam para trabalhar, inclusive não só no Rio de Janeiro, mas também em São Paulo. Trabalho não lhes faltava, mas as condições de trabalho eram desfavoráveis aos imigrantes nordestinos, pois as necessidades entendidas por eles, naquele momento, não os deixavam ver as desvantagens embutidas nas oportunidades de ganhar algum dinheiro.

Pedro é um homem forte²⁸, não por sua compleição física, mas por ser um homem do campo, um sujeito do Cariri. Um homem que soube se manter na terra porque aprendeu com os elementos da natureza que lhe ajudaram a ser um agente na configuração da paisagem local. O sol forte, a mata branca, a chuva pouca e um solo firme, ambos com resistência para suportar as suas existências, vi ali, naquele momento a sua grandeza em meio a tanta simplicidade.

É sempre na busca de uma solução para a vida financeira, que em algum momento, não era possível resolver no Taboado de Baixo, que acontecia a migração, foi assim também para Carlos.

Migrei para o Rio de Janeiro no ano de 1999. Primeira vez passei um ano e dois meses, depois voltei e passei mais 4 meses lá. Tomei a decisão de ir, por causa da minha situação financeira, porque não tinha ganho aqui. Tinha 3 filhos para dar de comer e não tinha como eu fazer a minha renda mensal sem o trabalho. Ao chegar no Rio de Janeiro, pelo que eu já pensava de lá, não achei diferente não. Eu só tinha um dia de folga e assim mesmo no dia de folga, eu passava a noite todinha no serviço, entrava no sábado de 7 horas da manhã e saía no domingo de 7 horas, isso no dia de folga. Pra mim, a cidade era muito linda e tanto dos meus irmãos e do pessoal que eu trabalhava, me acolheram muito bem, os patrões também eram bons, me acolhiam muito bem lá. Não passei por nenhuma situação de estresse, só no final um problema de saúde que tive que voltar. Não me sentia muito satisfeito lá porque era sozinho, fora da família, porque os meus irmãos era família, mas o principal era a minha. Lá ganhar muito, muitas vezes, não dá em nada e ganhar o pouco aqui, dá na mesma coisa (Carlos, 60 anos).

A sua experiência de ir ao Rio de Janeiro para trabalhar um certo tempo até conseguir organizar as suas finanças foi importante naquele momento. Ele, ao voltar de vez para sua terra natal, não teve mais a necessidade econômica de migrar. Carlos, com as economias que conseguiu juntar com o trabalho no Rio de Janeiro, comprou um ponto comercial na feira central da sede do município e trabalha no ramo de alimentos. O seu ponto comercial, é um dos mais visitados pelos taboadenses em dias de feira. Ao que parece, e de acordo com seu relato, não há mais a intenção de voltar a migrar.

Carlos deixa claro, que a cidade lhe acolheu e isso pode ser o resultado da rede migratória que lá já o aguardava. A família, que não eram os filhos nem a esposa, mas irmão e

²⁸ Ao conversar com Pedro, notei que seu olhar se encheu de lágrimas. Quase caiu. Pois a fortaleza que ele também demonstrou, com o olhar, quando se perdeu por vários momentos em seus lampejos de lembranças. Não a deixou cair, segurou-a, assim como segurou as dificuldades de uma vida de homem lavrador da terra e migrante nos momentos de necessidades maiores.

outros parentes lhe proporcionaram afetividades para que ele pudesse viver o tempo que ele julgou necessário para cumprir a tarefa de juntar algum dinheiro e sustentar a família naquele determinado momento de sua vida. Ele se sentiu acolhido, pelo lugar que foi, talvez o fato de pessoas da família estarem lá. Isto lhe foi o suficiente para ver o Rio de Janeiro com um certo afeto.

O fato de trabalhar excessivas horas, inclusive nas folgas, foi a condição que ele encontrou, aceitou para poder juntar o dinheiro que ele julgou necessário, para quando voltar para a terra de origem, poder investir em algum tipo de segmento de trabalho que ele pudesse manter-se com a sua família. Ele disse tudo isso em tom de alívio, de ter passado uma fase difícil em sua vida, mas que superou e hoje se sente tranquilo em morar no Taboado de Baixo.

Para André, a sua ida ao Rio de Janeiro foi uma experiência pautada na necessidade financeira, mas foi também, uma vontade de viver uma aventura, conhecer outro lugar e tentar ganhar dinheiro.

Já migrei para o Rio de Janeiro, fui para o Rio em 1994. Fui através das condições de vida que tinha aqui e lá era bem mais fácil para trabalho, aí trabalhei lá 16 anos e gostei. O Rio de Janeiro, pra mim, foi bom em questão de trabalho, com o passar do tempo, o trabalho foi diminuído e as consequências foram aumentando, devido ao salário e custo de vida bem mais alto. Eu não me sentia feliz, não tanto como aqui no Nordeste, lá foi uma aventura, uma questão de trabalho, uma tentativa de dar certo e deu em muitas coisas: de conseguir emprego, trabalhar um tempo fora, fazer uma experiência pra ver se dava certo. Voltei porque os trabalhos diminuíram, aí vim para o Nordeste, voltei pra terra que era a origem minha. Gostava do Taboado de Baixo, aqui me sinto feliz, uma pessoa honrada de estar no lugar que é a minha origem. Aqui eu trabalho e participo de algum evento, o que tem na comunidade e eu posso participar eu participo. Pelo Taboado, eu tenho sentimento bom, sentimento acolhedor, me sinto bem no lugar, nesse momento, não tenho vontade de trocar por outro lugar. Lá no Rio foi bom, eu não reclamo não, dos 16 anos que passei lá, foram 15 anos de carteira assinada, aí quando cheguei aqui dei baixa na minha carteira, me cadastrei como agricultor e comecei do zero, aí no caso, se eu for para o Rio e assinar carteira novamente, eu tenho que trabalhar 45 anos para poder me aposentar. Mas aqui do meu lugar eu sempre gostei (André, 45 anos).

Sobre André, percebo em suas expressões, que a sua migração é muito mais fruto da vontade de conhecer outras realidades que mesmo da necessidade. Tal vontade, embasada na lógica modernado poder de compra, já que ele não necessitava trabalhar para sustentar uma família, mas almejava realizar sonhos materiais. André deixa claro que voltou porque gosta do lugar de origem, que o Nordeste é para ele a sua referência identitária, isso porque os geossímbolos que o acompanharam em sua ida deixaram uma marca profunda no seu ser.

Nem sempre o motivo da migração se inicia por uma urgente necessidade financeira. Para Dimas, o motivo da ida para o Rio de Janeiro foi para procurar solução para tratar um problema de saúde.

Minha ida ao Rio, é que eu fui me tratar porque estava doente, aí gostei. Voltei novamente para lá e fui trabalhar, mas por necessidade, porque tinha família e aqui não tinha condição de criar, aí fui para lá trabalhar e criar meus filhos. Quando meus filhos se criaram eu levei para lá e passei mais cinco anos com eles lá, deixei eles encaminhados lá e vim embora para aqui de uma vez e com isto foram 23 anos de luta para lá e para cá. Quando fui a primeira vez, eu tinha 28 anos, foi no ano 1989. Voltei porque sou da Paraíba, sou de Taboado de Baixo, sou do município de Boqueirão e gosto da Paraíba demais. A gente nordestino sai daqui para o Rio de Janeiro, vai para uma favela, vai sofrer, mas pra quem sabe viver, vive em todo canto, eu não achei nada ruim, sofri um bocado porque a leitura era pequena, mas eu sempre fui desenrolado, criei meus filhos, hoje estão tudo criado, não tenho nada a reclamar do Rio de Janeiro, mas para trabalhar não vou mais não, posso ir a passeio. Me sinto muito satisfeito de ter ido trabalhar lá, conheci um pouco do mundo, de lá fui até São Paulo e Minas Gerais, para mim, o Rio de Janeiro é um lugar bom (Dimas, 65 anos).

Ficou lá por um tempo, mas tinha deixado os filhos e esposa no Taboado de Baixo. Voltou para viver com eles. Já depois que os filhos estavam criados, retorna novamente para Rio de Janeiro e dessa vez para trabalhar, o motivo foi a dificuldade financeira e levou com ele o filho mais velho e depois foram também para viver lá, a esposa e os outros dois filhos.

Mas para ele, a experiência de trabalhar no Rio de Janeiro e viver lá com a família, não foi ruim, mas o fato de ele ter ido morar em favelas foi impactante para ele, pois saía de um lugar rural, com uma dinâmica conservadora e familiar, para conviver em um espaço urbano e periférico, com realidades cotidianas diferentes das que ele estava acostumado. Para ele, outra dificuldade foi enfrentar a cidade grande, com outras rotinas de trabalho tendo pouca escolaridade, fato que para ele foi uma das maiores dificuldades.

De lá, ele pode conhecer outros Estados, fato que na visão dele se não tivesse migrado, talvez não teria acontecido, isso por causa das condições financeiras e da distância geográfica do Estado da Paraíba e os Estados que ele conheceu. Voltou para morar No sítio Taboado de Baixo, porque gosta do lugar, e em sua fala, ele expressa, que não somente o sítio, mas o município, o Estado e a Região aos quais ele pertence enquanto sujeito, são lugares onde realmente moram a sua afetividade.

Rafael foi morar no Rio de Janeiro ainda na adolescência. Filho do também migrante Dimas, já citado, passa por experiências impactantes, mas que contribuíram para o seu crescimento pessoal.

Eu fui para o Rio de Janeiro em 2002, eu tinha 14 anos. Eu fui porque meus pais tiveram que ir, o meu irmão mais velho já estava lá e meu pai, como a gente morava sozinho com minha mãe aqui, aí teve oportunidade de levar todo mundo pra lá e reunir a família por lá, a situação financeira, questão de trabalho para eles e foi melhor levar todo mundo pra lá. Lá no Rio de Janeiro foi uma experiência boa para mim, não tenho que reclamar do Rio de Janeiro não, pra mim, lá, graças Deus, foi onde eu consegui minhas coisas. Quando eu cheguei lá não era o que eu imaginava, a gente tem uma impressão muito diferente, a gente que é daqui, a gente pensa que é aquilo que sai na televisão, aquelas coisas bonitas, aquelas coisas lá de favela eu nunca imaginava isso, a gente aprendeu lá na prática como é o Rio de Janeiro de verdade, ter que morar em favela, ou comunidade, trabalhar muito. No início a questão de trabalho era complicado, porque eu era de menor, não podia arranjar trabalho e tinha que estudar também, saí daqui eu estava na 6ª série e até o 3º ano concluí meus estudos lá e por ser de menor e não poder assinar a carteira o que eu fazia lá era lavar carro, esses serviços assim, que era pra poder ganhar algum dinheiro e também e ajudar em casa. Eu voltei para o Taboado de Baixo em busca de liberdade, que é coisa que a gente não tem lá, lá é uma cidade para ganhar dinheiro, mas a questão de liberdade a gente não tem, construir uma família. E lá se a esposa também não trabalhar não tem condição de sustentar um filho. Aqui eu me sinto bem, eu gosto demais desse lugar, graças a Deus é o lugar que a gente nasceu se criou. Aqui a família é tudo perto, questão de amizade também, aqui graças Deus é todo mundo amigo, tem liberdade de deixar criança, a religiosidade também porque sou devoto de São João Batista também. Aqui só é um pouco parado na questão de trabalho, aqui você trabalha muito pra ganhar pouco, mas este pouco é melhor do que ganhar o muito, longe e outras coisas aqui não tenho o que reclamar não, é um lugar calmo. A experiência negativa que passei no Rio de Janeiro foi a questão de tiroteio, a violência é muito grande, apesar de ter morado em bairro tranquilo tinha violência também. Quando a gente sai daqui pra lá, de menor, sem muita experiência, nunca tem visto tanta violência, nem mesmo tinha visto pessoas mortas e ver gente mortas nas ruas de bala e tiroteio, é muito forte, vi senhoras, vi crianças mortas na rua com armas de grosso calibre. E a coisa boa lá foi a experiência que tive ao entrar no quartel lá, tive oportunidade de entrar, passei 8 anos, pude viajar para muitos lugares, conheci a Amazônia, Minas Gerais, foi uma experiência muito boa que levo para o resto da vida, fiz muitas amizades que até hoje ainda tenho, aprendi muita coisa. Espero para o futuro criar meu filho aqui, batalhar, ensinar a ele ser um guerreiro na vida também, igual a nossos avós, meus pais e a eu também e viver a vida com saúde que é o mais importante e com Deus no coração (Rafael, 28 anos).

O menino Rafael, que saiu de seu lugar como migrante, viveu experiências fortes. Trabalhou ainda na menor idade fazendo bicos, lavava carros e outros serviços que não fosse obrigado a assinar a carteira de trabalho, isso para ajudar aos pais e para se manter na cidade grande. Estudou, fez o ensino médio, entrou para o Exército Brasileiro, viveu entre a violência criminal em favelas, segundo ele, encontrar pessoas mortas em seu trajeto diário, armas de grosso calibre, tiroteio fazia parte da sua paisagem.

Servir ao Exército Brasileiro, por oito anos, é o que aparentemente lhe deixa mais feliz ao relatar a sua migração, foi um fator positivo. Conheceu através disto, outros Estados. O brilho do seu olhar aumentou quando disse que tinha conhecido a floresta Amazônica e disse que as amizades será a experiência que vai acompanhá-lo para o resto da vida.

A experiência de Rafael com a migração foi de natureza diferente das dos demais sujeitos migrantes. Uma diferença geracional entre ele e os demais sujeitos. Estudou, concluiu o ensino médio e serviu ao Exército. Enquanto os outros migrantes não tiveram a oportunidade de fazer tais escolhas.

Voltou para o Taboado de Baixo em busca da sua liberdade. Quer viver perto da família, criar o filho que nasceu logo após o seu retorno. Uma coisa que é importante dizer de Rafael, é que ele ao voltar, construiu a sua casa, no mesmo lugar onde no passado existia uma residência de pessoas da família Oliveira, tal família foi a que fixou morada na região trazendo a imagem de São João Batista e deu início a devoção das novenas e a tradição religiosa do lugar.

Ele, de certa forma, renova e dá um novo sentido à dinâmica social e cultural da comunidade, isso porque com a construção do seu lar, no local onde era feita a festa religiosa do padroeiro mas que já tinha sido demolida, traz movimento à paisagem que já estava sendo apagada, mas que agora se renova com as raízes da mesma família. Outro fato, que ele também deixou claro, é a sua satisfação de poder voltar para viver a religiosidade enquanto devoto do santo padroeiro da sua comunidade. Ao final de sua fala, expôs a esperança de criar o filho nos valores de seu contexto familiar e da confiança em Deus.

2.2 A geograficidade

Diante dos relatos apresentados, é muito claro que o principal motivo da migração taboadenses foi a necessidade financeira, segundo eles, no momento em que partiram para trabalhar na região Sudeste, não era possível conseguir trabalho remunerado no seu lugar de origem.

Foram muitas experiências vividas, no destino que tomaram. Conviver com realidades muito diferentes das que já estavam acostumados, viver longe da maioria da família, muitas vezes não acompanhar o crescimento dos filhos, longe do carinho da esposa ou da proteção

dos pais. Conviver em meio a uma violência marcada por conflitos de tráficos de drogas, enfrentar ritmos de trabalhos intensos e exploração da força de trabalho humana.

Viver no Rio de Janeiro era também um sonho para muitas pessoas, porque a imagem que se tem de lá, é sempre de um lugar belo, onde se pode ter uma vida bela também, e de certa forma, o Rio de Janeiro tem sim sua beleza, mas tem também suas misérias, e, para o nordestino que vai lá para trabalhar com extrema necessidade, não é possível viver o luxo das áreas enfeitadas pelo dinheiro. Ele vai morar nas favelas, ocupar o lugar dos subalternos e enfrentar também muitas condições desfavoráveis a ele.

De um lado, os padrões de uso de trabalho na terra de origem, alimentam um fluxo emigratório com trabalhadores a procura de locais que prometa mais emprego e mais ganho. De outro lado, cedo estes migrantes, descobrem os padrões de uso de trabalho nas “terras prometidas” ... as classes dominantes nos seus locais de destino operam nos limites que lhe são estabelecidos no contexto de capitalismo monopólio e financeiro internacional, impõe sua vontade na disponibilidade de emprego e grandes contingentes de que são forçados a defrontar-se com uma desilusão, a terra prometida é traiçoeira: para segurar uma parte nesta ilusória “fonte de riqueza”, o trabalhador migrante tem que se sujeitar a condições que não compensam o esforço. Enfrenta horas excessivas, desempregos, “trambiques”, etc. para muitos, o dinheiro a mais que se ganha é menos que as despesas adicionais que acompanham a migração. (SCOTT, p 665. 666)

Muitas são as desvantagens que os migrantes têm ao deixarem suas terras, mas ao mesmo tempo é para eles “ganhar a liberdade”. Tais condições desfavoráveis de trabalho, nem sempre são percebidas por eles, pois só o fato de poderem ganhar algum dinheiro é uma realização e em outras vezes, mesmo percebendo, não têm a autonomia para reivindicar seus direitos, não têm a quem recorrer e ficam na condição desfavorável até conseguir uma forma de voltar. Alguns não conseguem, são obrigados a viver de forma insatisfatória no lugar de destino.

Apesar da ida por pura necessidade e em meio às desvantagens, há também experiências boas e favoráveis para eles. A possibilidade de conhecer outros lugares, de conviver com outras culturas, aprender outras profissões. Alguns tiveram a oportunidade de estudar um pouco, uma das pessoas entrevistadas entrou para o Exército Brasileiro, permaneceu por alguns anos, isso o possibilitou muito aprendizado e oportunidade de conhecer outras realidades em outros Estados do Brasil.

Encontraram também aconchego e afetividade, “os lugares íntimos são lugares onde encontramos carinho, onde nossas necessidades fundamentais são consideradas e merecem atenção sem “espalhafato” (TUAN, 2013, p. 168). Em seus relatos fica claro que eles se sentiram bem acolhidos, seja pelas relações de trabalho ou pela família e amigos que já

estavam lá, eles encontraram afeto e carinho que lhes fizeram aguentar as distâncias geográficas de suas origens e inibir um pouco das distâncias sociais que os dividiam entre classes.

“Amor ao solo natal ou busca por novos ambientes é uma relação concreta que liga o homem à Terra, uma *geograficidade* do homem como modo de sua existência e de seu destino” (DARDEL, 2015, p. 1 e 2). Neste sentido, o homem para experimentar o mundo, ele ganha mundanidade, isto implica em: sair de seu lugar quando deseja conhecer outras realidades e viver outras experiências. Essa *geograficidade*, é o fazer parte do mundo como sendo ele dele, como sujeitos que se apropriam da terra para lhe dar os movimentos transformantes do espaço e causar sentidos aos lugares.

Sair do Taboado de Baixo foi uma necessidade para estas pessoas, como também seguir um curso natural de ser humano; o de desejar sentir o mundo como parte dele, fazer uma *geograficidade*. Embora nem todas as situações sejam perceptíveis pelos sujeitos, mas que faz parte de sua condição humana.

2.3 Os que retornaram

Retornar para o Taboado de Baixo, foi também uma necessidade, segundo eles, voltaram para ter liberdade. Mas quanta contradição! Porque conhecer o mundo, sair do seu lugar, tomar a dimensão do espaço, como afirma (TUAN, 2013) é uma busca por liberdade e voltar para o lugar, foi também a reconquista de suas liberdades. Neste caso, a liberdade é vista por dois ângulos: o primeiro, é o direito de sair para outras realidades e a segunda é poder viver em seu lugar de origem com mais tranquilidade.

Voltar à terra natal, significa que um lugar foi criado e que ficou marcado em suas psiquês, uma vez um lugar tomado forma no universo cognitivo do ser humano, ele caminha com ele pela vida, leva com ele para onde for. Para (TUAN, 2013, p. 199) “o lugar é qualquer objeto estável que capta nossa atenção”. Ou seja, para um sujeito que nasceu em um determinado lugar e lá viveu por muito tempo, aquele ambiente de certa forma tomou dele a atenção, os deu intimidade com aquele espaço, lhe concedeu afetos, que foram construídos como tempo, com as experiências e estão representados nos geossímbolos.

O rio, a religiosidade, o lazer, o futebol, os espaços de trabalho, a escola, etc. São geossímbolos que marcam a vida dos taboadenses, lhe trazem um elo de ligação diretamente com suas vidas e lhe concede identidade com o lugar. São experiências que estão embutidas na cognição deles e que não sairá, porque fazem parte não só da existência dos fenômenos que acontecem em um lugar, mas que foram os próprios sujeitos que deram vida e sentido a estes acontecimentos, afetando-lhes de tal forma a só se possível a existência dos geossímbolos porque existe a ligação e a ação entre os sujeitos e os acontecimentos.

Participar da procissão do padroeiro, ir às novenas dos santos de devoção, prestigiar o time do Internacional do Taboado, visitar o rio e recordar os momentos de lazer e as atividades da agricultura, rever os espaços de trabalho da produção de redes de dormir e os equipamentos arquitetônicos da escola e da igreja, são marcas geossimbólicas que definem o ser daqueles sujeitos naquele lugar e que tanto acompanha a quem migrou como a que vive lá ou a quem voltou dando-lhes intimidades com o lugar e acolhendo-os porque foram eles os sujeitos que deram continuidade, sentido e vida a tais acontecimentos.

Nessa imbricação do sujeito e o lugar, os migrantes taboadenses, configuram uma paisagem, pautada nas idas e vindas entre o Rio de Janeiro e o Taboado de Baixo. Nesse elo de ligação entre a terra o homem, eles movimentam uma dinâmica natural, que compreende às suas geograficidades, no conjunto de elementos que a terra abarca e que a migração, é capaz de firmar, no contexto das territorialidades e das desterritorialidades que define a lógica da existência humana e a sua participação no mundo.

A presente seção, relatou parte das experiências dos sujeitos taboadenses que foram migrantes em determinados momentos de suas vidas, são pessoas que viveram no Taboado de Baixo, passaram parte de suas vidas no seu lugar de origem mas em outros momentos precisaram migrar para conseguir trabalho e que retornaram para o Sítio na intenção de ficar definitivamente.

Na próxima seção, me adentro em uma percepção e análise de pessoas que não migraram, viveram apenas no seu lugar de origem. É importante dizer que os sujeitos entrevistados são os mesmo na três seções, pois apenas os que já tinha realizado a migração é que me utilizei de seus relatos para esta parte, (a segunda). Os demais, tiveram suas experiências relatadas entre a primeira e terceira seção.

AS PERCEPÇÕES SOBRE O LUGAR PELA LENTE DE QUEM NÃO MIGROU

Ficar no lugar em que nasceu e viveu por toda a vida, sem nunca ir morar em outro, é uma escolha ou talvez a falta de oportunidade, mas também pode ser uma *topofilia*, o amor ao lugar. “*Topofilia* é o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico” (TUAN, 1974, p. 5). Mas viver em um único lugar, é também perceber o mundo ao modo de como cada sujeito percebe, pois cada um vê o mesmo lugar por diferentes ângulos e experimenta de diferentes formas. “Duas pessoas não veem a mesma realidade, nem dois grupos sociais fazem exatamente a mesma avaliação do meio ambiente” (TUAN, 1974, p. 8).

Para entender um pouco sobre o lugar que vivo e como os seus moradores enxergam, procurei saber através de algumas pessoas o que seria o lugar para eles. Como era a experiência de nunca ter saído do Taboado de Baixo para morar em outro lugar do planeta. Tal investigação, possibilitou o conhecimento de suas visões de mundo acerca de suas realidades, como também, procurei saber, sobre as expectativas e formas de ser e estar no mundo

“É na relação com seu lugar, lugar como suporte e constituidor do Ser, como proteção, abrigo ou, mesmo, desterro, é que o sujeito se erige enquanto indivíduo geográfico. Lugar é, assim, espaço da vivência, da materialidade e imaterialidade do Ser” (SOUZA, 2015, p.61). As relações com o lugar se prolonga para além do acesso ao tangível. O intangível tem um papel importante porque pode ser levado para onde o sujeito for, é capaz de na ida com ele, lhe dar a segurança afetiva, que ele necessita para permanecer onde ele precisar ficar.

Mas no lugar de origem, o sujeito poder vivenciar as objetividades e as subjetividades cotidianamente, sem sofrer o processo de saudades ou de ansiedade de voltar para onde se identifica. Viver assim, é ter a tranquilidade e a segurança que o ser humano também precisa para se manter no mundo, pois ele, quando migra, já vai com ele o desejo de encontrar um lugar fixo no seu destino, para transformar em lugar

Para compreensão da visão de sujeitos que não migram, procurei saber entre alguns residentes do sítio Taboado de Baixo, acerca de suas percepções e suas experiências. De dez pessoas deram relatos de vida, cinco nunca migraram, não sentiram a necessidade de deixar a sua terra natal para se arriscar na aventura da migração, procuram exercer os seus papéis de sujeitos no próprio lugar e fazer acontecer a geograficidade, em lugar de origem.

3.1 Os que ficaram

Para os moradores que nunca migraram, a vida é vista por um ângulo mais fechado, há uma certa estreitamento na forma de ver do mundo e viver nele. Ver o mundo a partir da lente do Taboado de Baixo, sem nunca tê-lo visto por outras lentes, é viver experiências singulares. Mas que de certa forma, limita o olhar para o mundo afora, não que isto seja uma experiência negativa, mas sim, a forma que a vida se encaminhou de acontecer para aqueles sujeitos

Não sinto vontade de ter vivido em outro lugar. Sinto vontade de ir ao Rio de Janeiro, mas para passear, sonho em ir ao Rio de Janeiro de avião. Mas para ir ao Rio morar, eu tenho muita vontade de ir, tenho conhecidos lá. Me sinto satisfeito de ter vivido sempre aqui no Taboado de Baixo. Gosto muito daqui, porque foi aqui que nasci e me criei, brincando com os outros meninos, que hoje em dia a gente não ver mais muito isso. Eu gosto do lugar e gosto de escutar as conversas do povo mais velho, eu adorava escutar histórias de Trancoso. Hoje em dia, as pessoas não querem nem respeitar os mais velhos e nem escutar as conversas dos mais velhos também, mas as histórias mais antigas eram bonitas, não pode esquecer (Sérgio, 55 anos).

Viver no lugar de origem é para muitos uma escolha, outrossim, não impede o sonho de ir conhecer outras realidades. Isso está ainda embutido no desejo que o ser humano tem de alcançar mais um pouco de sua liberdade, no sentido que (TUAN, 2013) aborda, quando diz que “o espaço e liberdade e o lugar é segurança”. Para Sérgio, o lugar dele é uma segurança escolhida por ele, uma opção de vida, mas o sonho de conhecer outros “mundos” lhe encanta. A sabedoria popular, o que o lugar dele lhe ofereceu como possibilidades, lhe trouxe experiências muito valiosas, a ponto de ser para ele um modo de ser e estar no mundo.

Para o mesmo sujeito, o seu lugar possibilitou-o a vivência necessária, o seu “mundo” é simples, mas a sua pequenez geográfica e a ausência de equipamentos arquitetônicos, não impossibilitou o seu gosto pelo lugar, a afetividade lhe fez se identificar com o ambiente através da sua realidade.

A cidade natal é um lugar íntimo. Pode ser simples, carecer de elegância arquitetônica e de encanto histórico, no entanto nos ofendemos se um estranho a crítica. Não importa sua feiura; não importava quando éramos criança, subia nas árvores, pedalávamos nossas bicicletas em seus asfaltos rachados e nadávamos em sua lagoa. Como experienciávamos um mundo tão pequeno e familiar, um mundo infinitamente rico na complexidade da vida cotidiana, mas destituído de aspectos de grande imaginabilidade? (TUAN, 2013 p 177)

Desta forma, a afeição ao lugar independe de sua aparência e de tamanho geográfico, ele é fruto da própria experiência que cada pessoa tem em relação aos laços afetivos com quem está lá e com as coisas que também ocupam aquele ambiente.

Já para Valéria, o lugar começa em si pela afetividade que ela tem com a mãe. Neste sentido o lugar para ela é alguém, é a existência de um outro sujeito em que se concentra a sua identidade com o Taboado de Baixo.

Para mim, viver aqui sem nunca ter ido morar em outro lugar, eu diria que foi apego. Porque eu sempre tive vontade de sair mas só pra passear, mas pra morar fora, nunca tive vontade não. E quando eu falo em apego é que eu tinha tanto medo de sair e na minha ausência acontecer alguma coisa com mãe, eu não queria que acontecesse eu estar fora, é por isso que eu nunca fiz por onde ir embora pra morar fora daqui, morar em outro lugar. Eu adoro aqui, apesar das dificuldades que eu tenho enfrentado e ainda enfrento, não tem sido muito fácil, mas eu gosto daqui. A maior dificuldade daqui é transporte e comunicação, hoje já não está mas tão difícil se comunicar, tenho também transporte e tem também o transporte dos estudantes que passa na porta, hoje tem também o transporte de moto, moto táxi, hoje a gente tem mais facilidade. Até hoje não tive vontade de me mudar daqui para morar em outro lugar e eu quero me enterrar no cemitério de Vereda Grande (comunidade vizinha), perto de minha mãe e de meu pai. Eu já tive vontade de passear, ir ao Rio de Janeiro, Brasília, São Paulo, fazer um passeio em Aparecida do Norte, mas hoje eu não tenho mais. Eu fui uma vez no Ceará, gostei, achei bonito, mas não tenho mais vontade, é questão de eu não ser muito viajante. Fui professora aqui da comunidade, quando comecei tive um período de muita dificuldade porque naquela época a gente ganhava muito pouco e a gente também não tinha preparo e estudo suficiente para enfrentar uma sala de aula, mas ao decorrer do tempo a gente foi participando dos encontros de treinamentos e de aperfeiçoamento para os professores, depois eu fiz um curso correspondendo ao pedagógico e ensino médio, que era o Logos II e aí fui me preparando, ficou melhor, porque aumentou o salário, e a preparação para que eu pudesse dar um estudo melhor para os meus alunos. A primeira escola que eu ensinei foi numa escola vizinha a Geraldo do Sindicato, no ano de 1976, quando o prefeito da época, Sr. Ernesto, ele assinou minha carteira, aí estava começando o projeto para construir o grupo Domício Gonçalves Carneiro e em 1977 eu inaugurei o grupo. Eu e Sr. Manuel Domínio colocamos as cadeiras e como minha aula era pela manhã, eu já fiquei lá para a aula e inaugurei o grupo. Quando eu me casei, no final de 1977 eu pedi ao prefeito para me transferir para a Escola Municipal Mista, eu disse a ele que ia me casar e queria ensinar em casa, na época, eu morava na casa do Sr. Antônio Marinho, ensinei lá 2 anos, depois ele vendeu a terra e nós viemos embora de lá, compramos a casa de Tio Joaquim ali em cima do alto, mas só a casa, o terreno era dos herdeiros dos Oliveiras. Era uma taperinha de barro, muito “desmanteladinha” mas fiquei lá um bocadinho de ano, depois fui ensinar no grupo. O sentido do Taboado de Baixo pra mim, como lugar, era a minha mãe, eu tinha este apego e depois à família que construí e eu penso assim: que meus filhos, algum deles, têm que ficar por aqui, pra quando eu não puder mais, eles tomar conta. Os pontos positivos de viver aqui é que aqui tem uma devoção que a gente nunca deixou cair e está sempre em pé, é como que seja um negócio que balance mas não cai, esse ponto positivo se chama fé e é o que sustenta muita coisa, que se não fosse Deus e a fé que a gente tem nele, que não é só eu, a comunidade tem esse ponto positivo e a gente deve nunca deixar desmoronar esta fé, que a gente tem de manter a devoção do padroeiro, tem horas que a gente pensa que vai cair, mas não, aí vem sempre uma luz reacendendo devagarzinho, aí renasce (Valéria, 66 anos.)

A leitura que Valéria faz de seu lugar é totalmente ligada à experiência da afetividade humana, para ela, o lugar não é puramente aquele espaço físico e social. Foi a presença da mãe dela que lhe deu a intimidade com aquele espaço. “O espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado”. (TUAN, 2013, p 167). A sua intimidade com o lugar, tomou forma a partir de sua consciência afetiva ao ter como referência a figura materna, referência obtida na infância e que por alguma razão não foi diluída com o passar do tempo.

Como afirma (TUAN, 2013, p. 169). “Para a criança pequena, os pais são o seu lugar primeiro. O adulto que lhe protege é para ela uma fonte de alimento e um paraíso de instabilidade.” Desta forma, a infância pode ter permanecido muito presente em sua vida, até mesmo na fase adulta, o que fez dela “refém” de uma afetividade que transformou o espaço em que ele vive em seu lugar único no mundo, a tal ponto de querer que os filhos, após sua ausência vital, permaneçam com as tradições familiar, o que pode ser ainda o desejo da continuidade de apego pelo lugar, através do seu sentimento adquirido ainda na infância.

A referência principal sobre o lugar para Ana é muito mais ligado às relações sociais, disse ela:

Eu gosto daqui, nunca senti vontade de sair, não tenho inimizade com ninguém e nunca tive vontade de morar em outro lugar. Para dizer das coisas boas não, tem não, mas temos a água nas cisternas, se tivesse água encanada era bem melhor e já era pra gente ter, não tem, mas assim mesmo está bom. Me sinto satisfeita por minha vida aqui desde criança, me sinto feliz. Aqui não tem muito o que eu não goste, não gosto muito de futebol, não vou assistir, mas apoio o time, eu acho importante porque é uma diversão e fortalece as amizades, vivo aqui e gosto de participar das coisas da igreja. (Ana, 56 anos).

Para Ana, o lugar é a relação íntima que tem com o conjunto social que a envolve naquele espaço, para ela, a vantagem de pertencer a um lugar e nele permanecer, são as relações pacificadas que ela tem com os outros sujeitos. “A intimidade entre pessoas não requer conhecimento de detalhes da vida de cada um; brilha nos momentos de verdadeira consciência e troca. Cada troca íntima acontece em um local o qual participa da qualidade do encontro” (TUAN, 2013, p. 172).

É desta forma que Ana reconhece a sua identidade com o lugar, ela se apropria das relações sociais para atribuir a afetividade com o seu lugar de origem. Para ela, viver bem

com todos da comunidade já um bom motivo para estabelecer em sua memória uma experiência de segurança na qual os lugares oferecem para os sujeitos.

Ela apresenta certa insatisfação com as faltas de infraestrutura que o Taboado de Baixo carece, isso faz parte das coisas negativas que enxerga sobre o lugar, mas que para viver em paz com ela mesma, ela enfrenta o problema de forma leve, é como se esperasse um dia alguém tomar alguma atitude para solucionar.

Mary por não ter conhecimento com outro lugar percebe o seu como um lugar bom pra se viver, aceita-o e procurar viver bem as suas experiências.

Sempre morei aqui, nasci e me criei aqui e nunca morei fora. Não tenho conhecimento com outro lugar, só com este, hoje não tenho mais vontade de morar em outro lugar, já me acostumei aqui e sempre gostei do lugar e nunca tive vontade de sair. A vida aqui é boa, já foi mais difícil, mas hoje não, hoje melhorou devido as condições do lugar de hoje, porque a gente tem mais acesso a sair, tem energia, tem água, antes era mais difícil, hoje não (Mary, 59 anos).

Para Mary, que também nasceu e vive lá o sítio foi o único lugar que ela conheceu para viver. As dificuldades para ela já passaram. Hoje ela se sente mais confortável naquele lugar, os equipamentos modernos já lhe oferecem mais conforto, pois nas décadas anteriores o Taboado de Baixo não possuía energia elétrica, nem tão pouco automóveis. Viver lá para ela foi e é uma consequência por ter nascido lá e não ter tido a oportunidade de ir a outro lugar, mas que vive com satisfação lá porque aprendeu fazer o melhor para lá ser feliz.

“O lugar é uma pausa no movimento” (TUAN, 2013 p 169). Para Maria todo o movimento que o espaço enquanto liberdade oferece, não lhe encanta. Ela se identifica com a segurança do lugar, o desejo inexistente de viver em outros lugares e adentrar outros mundos não lhe cativou. Nascida no Taboado de Baixo, reside ainda no mesmo terreno e 80 anos de vida fizeram dela um sujeito pertencente àquele lugar.

Eu nasci aqui mesmo no Taboado de Baixo, me sinto bem aqui, sempre gostei daqui não tive vontade de sair pra canto nenhum. No tempo que meu pai queria vender isso aqui para gente ir morar na rua a gente não consentiu, preferimos comprar a terra pra ninguém ir morar na rua, porque eu não queria ir morar numa rua com os meninos que eu tinha, sem ter um ganho de nada lá e sem poder trabalhar dentro de uma rua como Boqueirão, a gente preferiu comprar aqui e poder trabalhar aqui. Aqui eu sempre achei bom, sempre tive coragem de trabalhar, o trabalho que eu tinha eu dava conta e me sentia bem e até hoje não tenho vontade de sair daqui pra canto nenhum e trabalhei muito nas redes. Aqui é um lugar bom porque aqui é calmo, toda vida a gente se uniu bem com toda a vizinhança, a união com as famílias, todo canto

que a gente ia todos gostavam da gente. Gostava e gosto muito das festa daqui, nunca tive vontade morar fora, sempre ajudei a vizinhança, ajudava as mulheres quando tinha criança, ajudava elas em tudo: fazer as coisas de casa, lavar pano. Porque a gente era assim, a vizinhança toda, não era quem hoje não, porque o povo não estão mais ligando isso não, mas no meu tempo era assim, as pessoas ajudavam umas às outras. (Maria, 80 anos).

Para ela, não foi alguém que lhe deu a afetividade necessária para que se crie o conceito de lugar em sua cognição, foi todo o conjunto de objetos que compõem aquele ambiente, o satisfazer-se com o que a vida lhe proporcionou. Casada também com uma pessoa do mesmo lugar, optou por criar os filhos lá também, para ela a sobrevivência no sítio lhe oferecia mais segurança, no sentido de que na zona rural, quando se trabalha na própria terra é mais fácil garantir o sustendo dos filhos do que na cidade pequena, em que, na visão dela, era mais difícil a condição de trabalho para criar uma família grande.

Maria, é uma pessoa identificada com o lugar de origem. A satisfação no seu olhar ao falar do seu lugar é nítida. Para ela há uma conformidade com a sua condição de vida que a faz uma mulher feliz e realizada. Mora no mesmo terreno que nasceu há oitenta anos. Para ela, o lugar lhe tomou nos braços, lhe fez se sentir segura diante das imensidões do mundo, lhe acolheu com tranquilidade e lhe deu a paz que ela precisou para criar a sua família e viver a sua história de vida.

RESULTADOS

Os lugares são histórias fragmentárias e isoladas em si,
dos passados roubados à legibilidade por outro,
tempos empilhados que podem se desdobrar mas que
estão ali antes como histórias à espera e permanecem
no estado de quebra-cabeças, enigmas, enfim,
simbolizações enquistadas na dor ou no prazer do corpo.

(Michel de Certeau)

Uma boa vida não é apenas uma experiência individual, viver assim seria limitado. Obem viver apresenta a ideia de uma construção em conjunto, que seria a mente, a cultura, a sociedade e as experiências individuais para chegar a comportamentos específicos. Foi isso que os sujeitos do Taboado de Baixo procura arranjar em seus quadros de vida, moldar paisagens pelas experiências, formar um conjunto de figuras humanas pautadas no trabalho, no lazer e na vida social como um todo, especificando-os em sujeitos únicos mas que vivem uma coletividade e constroem a dinâmica de um lugar.

Para entender essa dinâmica dos taboadenses, me adentrei a perceber os lugares e a questionar os sujeitos em relação entre as suas expectativas, os desejos e as experiências já vividas. Obtive informações que me responderam inquietações acerca do meu interesse de pesquisa. Das dez pessoas entrevistadas, todas concederam com satisfação os relatos, algumas ficaram felizes em colaborar com a primeira escrita científica sobre seu lugar de origem.

Através dos relatos foi possível perceber o entendimento que as pessoas entrevistadas têm acerca do lugar que vivem sem nunca sair. Assim também como os migrantes de retorno se percebem ao voltar a viver no Taboado de Baixo, embora já trazendo na memória, outras vivências e outras visões de mundo. Entres as duas categorias de posição do sujeito foi diagnosticada além de suas percepções e seus elos de ligação com o lugar, inquietações em torno dos seus direitos que passam despercebidos pelo poder público lhes deixando à margem

das necessidades, como saúde, educação, transporte escolar, abastecimento de água, esgoto sanitário etc.

Os migrantes de retorno expressaram que a volta para a sua terra natal foi uma necessidade tanto quanto a partida. Migrar foi a única saída para conseguir um trabalho remunerado para sustentar a família ou uma experiência pautada no desejo de tentar a vida em outro lugar, que lhes oferecem uma condição financeira melhor, mas voltar foi também uma necessidade pelo desejo de ter liberdade na terra que lhes atribuíam as suas identidades.

Desta forma, essa liberdade, segundo eles, se pauta na busca por paz, tranquilidade e convivências com as famílias e os amigos. Elemento que lhes faltavam em plenitude no Rio de Janeiro, pois embora lá, lhes oferecendo salários e renda certa todos os meses, não lhes davam o sentido de bem viver que o Taboado lhes oferecia. Outro fato que é importante dizer, é que os entrevistados regressados voltaram para viver em suas casas próprias ou construíram as suas nos terrenos da família, ou seja, eles retornaram para viver em propriedades próprias e isso lhes dá a segurança que a cidade grande não lhes oferecia, pois moravam de aluguel ou em casa dos patrões.

As dificuldades e as facilidades que viveram no Rio de Janeiro, foram contribuintes para a situação financeira e na visão de mundo que obtiveram e levam para suas vidas. Não há arrependimento entre eles pelas decisões de ir e de voltar, são gratos por terem vivido tais experiências e por ter retornado para o Taboado de Baixo.

As pessoas que nunca migraram, representadas por cinco sujeitos entrevistados, expressam satisfação por viver no seu lugar de origem. Segundo eles não almejam viver em outro lugar, porque o Taboado de Baixo para eles foi e é uma terra que os acolheram e que não veem a necessidade de sair e se arriscarem mundo afora. Para eles o lugar lhes deu a segurança afetiva necessária para viver bem nele, uma vez que viver bem nem sempre se relaciona a bens materiais ou situação financeira para garantir um poder de compra, mas um bem viver com o que o lugar lhes ofereceram.

O lugar representa pra eles o bem viver, ainda que, com as lacunas que a administração pública deixa, por não dar a assistência necessária, eles reivindicam, procuram soluções, mas nem sempre conseguem. Uma coisa negativa que eles veem no Taboado de Baixo, é que os moradores deveriam se unir para reivindicar as demandas em grupo e todos precisariam se apoiar para ter um resultado, já que quando somente reivindicam

individualmente não conseguem resultados. O grau de escolaridade não é um fator que os impeça de procurar resolver as faltas. No início da pesquisa, por alguns momentos cheguei a pensar que seria a pouca educação formal que impedia a busca por mais estrutura a partir do poder público para a comunidade, mas cheguei a perceber que pode não ser isto e sim falta de uma liderança capaz disposta a lutar por sua comunidade ou, talvez, a união dos moradores ainda não seja bastante para lutarem coletivamente em prol do lugar.

Em relação a migração, para a busca de sobrevivência, a vivência de parte dos moradores que nunca migraram e as potencialidades que o Taboado de Baixo tem, junto ao rio que corre ali bem do seu lado, com o trabalho da agricultura, ajudada pela existência do rio e as atividades das redes de dormir e dos tapetes simples, o lugar é sim um lugar de bem viver. Pois todos os lugares têm suas potencialidades e o Taboado de Baixo não ficaria fora dessa imbricação entre a natureza humana e não humana, se como diz o ditado popular “que o deus de lá é o deus daqui”. Se levar essa lógica para a percepção com os lugares e seus meios de subsistência e a força de trabalho e a criatividade humana. Lá, é um lugar de bem viver. Lá é o Taboado de Baixo onde muitas pessoas lidam na terra, trançam os fios das redes de dormir e dos tapetes simples e são felizes, porque ser feliz é viver um dia de cada vez com as possibilidades existentes e a gratidão que cultivam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa mostra como os residentes do Taboado de Baixo, percebem o seu lugar de origem, as suas percepções enquanto migrante de retorno ou sujeitos que nunca realizaram a migração e como se sentem enquanto sujeitos taboadenses. Para melhor compreendê-los foi feita uma análise da paisagem, a fim de perceber qual a fisionomia do lugar e identificar o que marca o seu gênero de vida.

Sobre os gêneros de vida identificados, dois são de muita importância para a dinâmica do lugar, que é a presença do Rio Paraíba e o artesanato das redes de dormir e dos tapetes simples, ambos configuram a paisagem, afetando-os através de suas vivências, de modo a ser para eles, fontes econômicas e de sobrevivência.

O rio para eles é um elemento importante, lhes oferece condições naturais para o cultivo da terra e os identificam através das percepções de como são e de como estão no mundo. Na pesquisa, a descrição do rio, ainda mereceria falar, dos períodos de cheias nas temporadas intensas de chuvas e a forma como eles passam por mudanças positivas e negativas através das enchentes. Caso para tratar mais adiante numa possível continuação deste trabalho.

Sobre o artesanato das redes de dormir e dos tapetes simples, são praticamente a base econômica da comunidade, acompanham as memórias mais antigas das pessoas do lugar. Já os tapetes simples, foram consequência de uma readaptação da atividade, após passar por crises na oferta e na procura das redes. Eles fazem parte da forma econômica mais importante do Taboado de Baixo.

A criação de animais é consequência da presença do rio e pelos hábitos rurais do lugar. O lazer muito se associa com o banho de rio e com as festas juninas, ganhando outras formas mais tecnológicas modernas com o advento da energia elétrica e o acesso à comunicação televisiva e à internet. As relações sociais como um todo, giram em torno dos vários elementos que configuram aquele espaço.

As percepções dos sujeitos acerca do lugar, revelou satisfação por viver nele apesar das dificuldades que qualquer pessoa passa em qualquer lugar do mundo, dinâmica natural do processo coletivo e mútuo que ocorre no conjunto de elementos que a terra abraça. As migrações e o ficar no lugar, são movimentos próprios do cotidiano, ocorrentes nos lugares e são exatamente o que dá o “sopro” de vida aos espaços geográficos.

A pesquisa esclareceu uma inquietação. Ao me interessar pelo tema, um fator me deixava confusa em relação ao modo como os taboadenses aparentemente reagem diante das questões políticas e administrativas do sítio, como também, a curiosidade em saber como eles se reconheciam enquanto sujeitos do lugar e como sujeitos sociais acerca das reivindicações necessárias.

Percebi durante o trabalho, que eles têm preocupações em torno dos problemas a serem resolvidos na comunidade. Pois entre os habitantes existem objetivos comuns em relação às lacunas a serem preenchidas, pode dificultar este processo pode ser a falta de uma representatividade comunitária que lidere as tomadas de decisões e que possa de forma efetiva colaborar com as demandas sociais da comunidade.

Perceber um lugar, pesquisá-lo com a finalidade de compreendê-lo, tanto pelo viés físico como cultural e humanístico, é uma tarefa importante para a Geografia, é um dos papéis do geógrafo. É a partir das descobertas sobre um lugar, das intensões, anseios, desejos dos sujeitos que se pode trabalhar para o melhoramento ou o crescimento de uma localidade, que por vezes, precisa de organização estrutural e conhecimento de sua identidade, questão importante que não pode ser esquecida.

A educação formal é um elo de ligação entre o conhecimento e a prática de fazer um lugar, mas é através da coletividade de seus sujeitos, que se efetiva. Qualquer mudança em prol do melhoramento e do bem estar de um grupo, é papel de uma sociedade como um todo e só consegue quando se somam forças e energias em prol do bem comum. Tal bem estar se relaciona à igualdade de todos ao serem beneficiados por qualquer que seja o recurso administrativo. Porque não podemos mais aceitar um mundo tão dicotômico socialmente, principalmente quando se trata de uma localidade que todos são basicamente da mesma família.

Em um momento de individualidades, de fluidez social, se faz necessário que as comunidades, de modo geral, se organizem para continuarem a exercer os seus valores, sem precisar abrir mão de usufruir das lógicas modernas. Pois é possível ser um sujeito moderno, sem se desfazer de suas memórias e identidades, pois a memória é um ato de resistência. Avante.

Não concluo aqui este trabalho, pois pensar geograficamente um lugar é abrir portas para um pensamento longo, infinito enquanto encarnados. Considero esta monografia, um

início de uma pesquisa que almejo dar continuidade. Me proponho através do lugar que vivo um pensamento longo acerca do sujeito e dos lugares.

Paro aqui esta parte dizendo que em todos os lugares do mundo, capazes de habitação, pode-se viver com dignidade. Por vezes, rotulam-se os lugares rurais como sem “desenvolvimentos” ou sem perspectivas devida, mas não é essa a melhor forma de se avaliar um lugar e sim através de estudos, observações e comprovações. Taboado de Baixo começa a ser avaliado aqui, neste e com este trabalho.

REFERÊNCIAS

- AESA. Agência Executiva de Gestão das Águas. Governo da Paraíba. Disponível em: <http://www.aesa.pb.gov.br/aesa-website/comite-de-bacias/rio-paraiba/>. Acesso em 17/09/2019.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo; Cortez, 2009.
- ALVES, Eliseu; SOUSA, Geraldo da silva; MARRA, Renner. **Êxodo e sua contribuição à Urbanização de 1950 a 2010**. Revista Política Agrícola. Ano XX, nº 2 Abril/maio/jun de 2011. Disponível em: <https://www.alice.cnptia.embrapa.br/alice/bitstream/doc/910778/1/Exodoesuacontribuicao.pdf>
- BONNEMAISON, Joel. Viagem em Torno do Território. *In*: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Geografia Cultural: Uma Antologia (Vol. 1)**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Rede de dormir: Uma pesquisa etnográfica**. São Paulo; Global Editora, 2003.
- CASTRO, Josué de. **Geografia da fome**. 12º ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de fazer**. (Trad. de Ephraim Ferreira Alves.) Petrópolis: Vozes, 2014.
- DARDEL, Eric. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. Perspectiva; SP, 2015.
- DELEUZE, Gilles, **O que é filosofia?**São Paulo: 34, 2010.
- DUTRA, Luciano Viera. **A rede da rede: trabalho, sociabilidade e territorialidade dos vendedores de redes de dormir de brejo do cruz-pb**. Dissertação de Mestrado – PPGG-UFPB, 2007.
- FAGGION, Carmem Maria; MISTURINI, Bruno. **Toponímia e memória: nomes e lembranças na cidade**. Linha D'Água (online), São Paulo, v 27, nº 2, p. 141-157, dez, 2014.

GALVÃO FILHO, Carlos Eduardo Pontes. **Da geosofia como geografia cordial: a obra de Josué de Castro como insurreição ontológica**. Geograficidade, v.8, Número 2, Inverno 2018

HALLEY, Bruno Maia. **O bairro e os enredos do lugar**. Geograficidade | v.4, n.1, Verão, 2014.

HOLZER, Werther. **A Geografia Humanista: uma revisão**. Espaço e Cultura, UERJ, RJ, edição comemorativa, p. 137-147, 1993-2008.

JOFRE, Dumazedier. **Lazer e cultura popular**. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

LA BLACHE, Paul Vidal de. **Quadro da Geografia da França**. In revista de GEOgraphia Ano. 1, No 1. 1999.

LA BLACHE, Paul Vidal de. **Os gêneros de vida na geografia humana**. In revista de GEOgraphia ano 7, número 13. 5005.

MACIEL, Caio Augusto Amorim. **A Retórica da paisagem: um instrumento de interpretação geográfica**. Espaço e Cultura, UERJ, RJ, n. 26, p. 32-48, Jul./Dez. 2009.

MENOIA, Thelma Regina Marialva. **Lazer: história, conceitos e definições**. Campinas: UNICAMP, 2000.

NORA, Pierre. *Entre memórias e histórias: a problemática dos lugares*. Proj.História; São Paulo, 1993.

OLIVEIRA et al. **História da prolação: comunidade Taboado de Baixo**. Boqueirão/PB; Digitado, 2007.

OLIVEIRA, Livia de. **Percepção ambiental**. Revista Geografia e Pesquisa, Ourinhos, v.6, n.2, jul./dez, 2009. Disponível em: <http://vampira.ourinhos.unesp.br/openjournalssystem/index.php/geografiaepesquisa/article/view/135/68>

OLIVEIRA, Livia de. **Sentido de lugar e de topofilia**. Revista Geograficidade | v.3, nº.2, 2013.

PASSOS, Claudio roberto Farias. **Os gêneros de vida na geografiaHumana (p. V. De la blache)**. OKARA: Geografia em debate, v.11, n. 1, p. 120-124, 2017

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Estudos históricos; Rio de Janeiro,1992.

- RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. 23. ed. São Paulo: Martins, 1969.
- SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo; HUCITE, 1988.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo; Editora da Universidade de São Paulo, 2006.
- SAYAD, ABDELMALEK. **O retorno: elemento constitutivo da condição do migrante**. Travessia: revista do migrante. CEM. Ano XIII, número especial, janeiro/2000. Disponível em: file:///C:/Users/darciley/Downloads/SAYAD%20-%20revista%20travessia%20(1).PDF.
- SCOTT, R. Parry. **O retorno ao Nordeste: refugio, família e reprodução**.
- SILVA, José pereira. **Elementos da terminologia toponímia**. Cadernos do CNLF, vol. XXI, n. 3. R.J: CiFEFiL, 2017.
- SOUSA, Thiago Romeu de. **Lugar de origem, lugar de retorno: a construção dos territórios do migrantes na paraíba e são Paulo**. Recife; UFPE, 2015.
- SOUSA, José Hornyhelthow Lucas da. **Aspectos Geohistóricos Da Formação Territorial De São João Do Cariri**. Trabalho de conclusão de curso. UFCG, 2018.
- SOUSA, Valdirene Pereira de; BRITO, Roberta Lopes de Oliveira; ANDRADE, Jefesson Franciarly Farias de. *Boqueirão a cidade das águas*. In: SOUZA, Antônio Clarindo Barbosa de. **História dos municípios paraibanos**, V.3. EDUFCG; campina Grande, PB. 2013.
- TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar a perspectiva da experiência**.
- TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. DIFEL; Difusão Editorial S. A, 1974. .
- RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. 23. ed. São Paulo: Martins, 1969.
- ZANI. Matheus Amoedo. **Bravo: a água em um emaranhado de vidas no Cariri Paraibano**. Universidade Estadual de Campinas; Campinas, SP 2019.